

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Dissertação



As Sociedades Italianas em Pelotas:
A formação de uma identidade coletiva (1870-1925)

Fabiano Neis

Pelotas, 2016

Fabiano Neis

As Sociedades Italianas em Pelotas:

A formação de uma identidade coletiva (1870 - 1925)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Paulo César Possamai

Pelotas, 2016

Fabiano Neis

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

N416s Neis, Fabiano

As sociedades italianas em Pelotas : a formação de uma identidade coletiva (1870-1925) / Fabiano Neis ; Paulo César Possamai, orientador. — Pelotas, 2016.

81 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

1. Imigração italiana. 2. Pelotas. 3. História. 4. Identidade. 5. Sociedades étnicas. I. Possamai, Paulo César, orient. II. Título.

CDD : 981.657

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Fabiano Neis

**As Sociedades Italianas em Pelotas : A formação de uma identidade coletiva
(1870-19825)**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 03 de junho de 2016

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Paulo César Possamai (Orientador)

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo

.....
Prof^a. Dr^a. Ana Inez Klein

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo

.....
Prof^a. Dr^a. Luiza Horn Iotti

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aos meus pais, Cilo e Maria de
Lourdes Pretto Neis, dedico!

Agradecimentos

Ao meu orientador, Paulo César Possamai, pela amizade e paciência com que me orientou e pela confiança depositada no meu trabalho.

Aos meus pais, por sempre terem me incentivado, apoiado e disponibilizado recursos para que eu pudesse concluir mais uma etapa da vida acadêmica.

Aos meus irmãos, Adriano e Luciano; cunhadas, Adriana e Fabiano; sobrinhas, Anna, Amanda e Fernanda; e afilhada Luana, pelo apoio.

Aos amigos Marcos Ronei e Márcio, pelo acolhimento, apoio e por se tornarem minha família pelotense.

Ao Cristiano Gehrke, pelo período em que convivemos diariamente, dividindo alegrias, anseios, tristezas e conhecimentos.

Às amigas, Juliana, Maria Elo e Sâmera que sempre estiveram presentes, desde o período da graduação, bem como no primeiro ano da Pós-Graduação, e mesmo que tenham seguido caminhos diferentes, contribuíram para o meu amadurecimento pessoal.

À Jessica, pelos conselhos, pelo companheirismo, pelos debates e pelo ombro amigo.

Aos amigos que de uma forma ou outra estiveram presentes durante a minha trajetória acadêmica torcendo pelo meu êxito e me incentivando, não cito nomes para não deixar ninguém no esquecimento.

Ao coordenador do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira que possibilitou a minha atuação no projeto de extensão durante o período do mestrado, contribuindo na minha formação. Aproveito ainda para agradecer os colegas de equipe de trabalho, através da Luciana Peixoto e Jonas Fachini.

À Andrea Molina Barbosa, coordenadora do Memorial da Associação Comercial de Pelotas, colega de trabalho que se tornou uma amiga.

À Sociedade Italiana de Pelotas, através de sua presidente a senhora Iolanda Pierobom Anselmo, por possibilitar a minha pesquisa nos acervos da sociedade.

À professora doutora Luiza Horn Iotti, pela disponibilização do relatório consular utilizado para a elaboração de parte do segundo capítulo deste trabalho.

À Universidade Federal de Pelotas, através do Programa de Pós-Graduação em história, pela oportunidade e por disponibilizar estruturas para que esta etapa fosse concluída.

Aos professores doutores Ana Inez Klein e Fábio Vergara pelas contribuições feitas na banca de qualificação.

Aos professores doutores Márcia Janete Espig, João Júlio dos Santos Gomes Júnior, Alexandre Karsburg e Aristeu Elisandro Machado Lopes, pelas contribuições oferecidas através das disciplinas realizadas durante o período da Pós-Graduação.

A gente quer ter voz ativa no nosso destino mandar, mas eis que chega a roda viva e carrega o destino pra lá...

Roda Viva - Chico Buarque de Holanda

Resumo:

O século XIX foi marcado como sendo o período das grandes migrações. O Rio Grande do Sul assumiu um papel de destaque neste cenário. A partir da segunda metade do século XIX foi verificada uma crescente introdução de imigrantes não lusos no território sulino, dentre os quais, o imigrante de origem itálica se destacou. Neste período, também o município de Pelotas recebeu um fluxo imigratório, em um primeiro momento, espontâneo, e em seguida dirigido, que transformou o perfil da então próspera cidade. Estes imigrantes italianos atuaram economicamente, socialmente e culturalmente; além do mais, a comunidade italiana se fez presente em Pelotas, principalmente pelas diversas Sociedades que existiram. A presente dissertação pretende mostrar tais contribuições dos italianos e de suas Sociedades na história da cidade de Pelotas, no período compreendido entre os anos de 1870 a 1925, além de analisar a formação de uma italianidade entre seus membros.

Palavras-chaves: Imigração Italiana, Pelotas, História, Identidade e Sociedades Étnicas

Résumé:

Le XIXe siècle a été marqué comme la période des grandes migrations. Rio Grande do Sul a joué un rôle important dans ce scénario. À partir de la seconde moitié du XIXe siècle, on assiste à une introduction croissante d'immigrants non portugais sur le territoire méridional, parmi lesquels se distingue l'immigré d'origine italienne. Dans cette période, la municipalité de Pelotas a également reçu un flux d'immigrants, d'abord spontané, puis dirigé, qui a transformé le profil de la ville alors en plein essor. Ces immigrants italiens ont agi économiquement, socialement et culturellement; de plus, la communauté italienne était présente à Pelotas, principalement par les diverses sociétés qui existaient. La présente thèse vise à montrer de telles contributions des Italiens et de leurs Sociétés dans l'histoire de la ville de Pelotas, dans la période entre les années 1870 à 1925, en plus d'analyser la formation d'une Italianité parmi ses membres.

Mots-clés: Immigration italienne, Pelotas, Histoire, Identité et Sociétés Ethniques

Lista de Tabelas

Tabela 1	Lista de colônias criadas na Serra dos tapes	28
Tabela 2	Lista de Imigrantes que chegaram à Colônia Maciel entre 1884-1886	29
Tabela 3	Lista de imigrantes que chegaram à Colônia Maciel após 1888	30
Tabela 4	Atividades Comerciais e fabris – Pelotas 1920	46
Tabela 5	Registros de internação da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (1876/1900)	51
Tabela 6	Recenseamento urbano de 1889	51
Tabela 7	Hotéis italianos em Pelotas	54
Tabela 8	Lista de Sócios (1905/1923)	65
Tabela 9	Italianos contrários ao processo de naturalização – 1890	67

Lista de Figuras

Figura 1	Mapa do Município de Pelotas	26
----------	------------------------------	----

Lista de Gráficos

Gráfico 1 Imigrantes contrários à naturalização – 1890

66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIP – Associação Cultural Italiana Pelotense

BPP – Biblioteca Pública Pelotense

CDOV – Centro de Documentação de Obras Valiosas

MECO – Museu Etnográfico da Colônia Maciel

NDH – Núcleo de Documentação Histórica

Sumário

Introdução	16
CAPÍTULO I: IMIGRAÇÃO e IDENTIDADE	21
1.1 Contextos Históricos da Imigração no Rio Grande do Sul: dos alemães aos italianos	21
1.1.2 A Colônia Italiana na serra dos Tapes	26
1.2 A Identidade: primórdios de uma identidade nacional no Brasil	31
1.2.1 Identidade Étnica	33
CAPÍTULO II: RELATOS DE ITALIANOS SOBRE A CIDADE DE PELOTAS	38
2.1 Enrico Acton: a cidade vista por um vice-cônsul	39
2.2 Vittorio Buccelli: o olhar de um viajante	42
2.3 Pelotas nas Páginas do Álbum do Cinquentenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud	44
CAPÍTULO III: A PRESENÇA DE ITALIANOS EM PELOTAS: A ITALIANIDADE ATRAVES DAS SOCIEDADES ITALIANAS	50
3.1 As Sociedades Italianas em Pelotas	54
3.2 A Naturalização em Massa Durante a República	66
Considerações Finais	70
Fontes	74
Bibliografia	76
Anexos	81

INTRODUÇÃO

A aproximação com a temática de imigração italiana na cidade de Pelotas ocorreu no período em que trabalhei como bolsista de extensão do Museu Etnográfico da Colônia Maciel e como bolsista de iniciação científica no Projeto Banco de Imagens e Sons do referido museu, ambos sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira. Neste período, em busca de um levantamento bibliográfico sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul, passei duas semanas realizando pesquisas na biblioteca da Universidade de Caxias Sul. Então, rodeado por um imenso acervo de publicações, surgiu o desejo de pesquisar sobre o tema que resultou na elaboração do meu trabalho de conclusão de curso, defendido e apresentado, em fevereiro de 2014, intitulado *A Imigração Italiana Através da História Oral das Ítalo-descendentes no Museu Etnográfico da Colônia Maciel – Pelotas/RS: chegada, trabalho e casa*.

Concomitantemente, entre os trabalhos como bolsista dos projetos acima citados, iniciei uma pesquisa pessoal sobre a formação histórica de uma comunidade, na zona rural da cidade de Farroupilha, através da fundação de um capitel¹ em 1938. Tal pesquisa resultou na publicação de um livro em fevereiro de 2013, *“Um pouco rais...Um pouco nhoque...”: História da Gruta Nossa Senhora de Lourdes – Picada Feliz, 1938*, obra realizada conjuntamente com a historiadora Suzana Maggioni Bertuol.

Ao fazer uma revisão da historiografia sul-riograndense sobre o tema da imigração italiana, constatei que eram poucos os trabalhos que mencionavam a presença de italianos na cidade de Pelotas. No que tange à própria produção local sobre imigrantes italianos na área urbana, encontrei raros estudos. Esta escassez de bibliografia contribuiu para o meu desejo de realizar uma pesquisa sobre a imigração italiana na área urbana de Pelotas.

¹Capitel era a denominação de oratórios construídos pelos imigrantes italianos ao longo das estradas coloniais e nestes locais, os moradores das proximidades costumavam se reunir para rezar. (COSTA, 1976)

Marcos Hallal dos Anjos em sua dissertação (1996) desenvolveu uma pesquisa sobre os imigrantes citadinos na modernização da cidade de Pelotas. Sua dissertação acabou sendo publicada em 2000 tendo como título: “Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX”. Tal trabalho tem um capítulo dedicado à presença italiana na área urbana da cidade de Pelotas, identificando estes italianos nas áreas de atuação comercial, econômica e cultural da cidade. Através da pesquisa realizada, Hallal elencou a importante participação dos italianos através do associativismo, já que chegaram a existir cinco sociedades italianas na cidade, primeiramente em 1873 a *Unione e Philantropia* (primitiva); em 1877 a *Unione e Philantropia* (dissidentes); em 1883 a *Sociedade de Beneficência e Instrução Circolo Italiano*; em 1891 a *Sociedade 20 de setembro*; em 1892, a *Sociedade de Socorros Mutuos Cristoforo Colombo* (ANJOS, 2000).

Ângela Beatriz Pomatti defendeu sua dissertação, também na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob o título: “Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticas de cura 1890-1930”. Em sua pesquisa, a autora trabalhou com os imigrantes italianos atendidos na Santa Casa de Misericórdia, dando ênfase aos imigrantes italianos procedentes da área colonial de Pelotas. Pomatti traça um pequeno contexto histórico sobre a imigração na área urbana da cidade, citando as sociedades italianas a partir do levantamento feito por Marcos Hallal dos Anjos.

Especificamente sobre a Sociedade Italiana Pelotense, existe um Trabalho de Conclusão do Curso de História no Núcleo de Documentação Histórica (NDH) da Universidade Federal de Pelotas, elaborado no ano de 2002, pela acadêmica Andréia Albuquerque dos Santos.

Assim, em contato com o Prof. Dr. Paulo César Possamai, comecei a escrever o projeto para a seleção do Programa de Pós Graduação em História, sob o título “As Sociedades Italianas na Cidade de Pelotas: uma análise da identidade étnica entre 1870-1922”. O projeto de pesquisa visava então, estudar e analisar a formação da identidade italiana na cidade de Pelotas, por meio das suas Sociedades Étnicas.

Optou-se em escrever o presente estudo, através do recorte cronológico circunscrito entre os anos de 1870-1922. A escolha da década de 1870 refere-se ao fato de que o primeiro grupo associativista italiano se organizou na cidade, no ano de 1873; já 1922 se justifica por se pretender adentrar nas modificações que ocorreram nestas instituições com a ascensão de Benito Mussolini no poder e a implantação do fascismo como política de seu governo, o qual resultou em profundas modificações no funcionamento dessas sociedades.

No entanto, ao consultar o Álbum do Cinquentenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul (1925), verificou-se que este continha várias informações referentes à imigração na cidade de Pelotas, de tal maneira que um novo recorte temporal foi delimitado, compreendendo os anos de 1870 a 1925.

Qual o papel desempenhado pelas Sociedades Italianas, localizadas na cidade de Pelotas, para a formação da identidade étnica entre seus sócios? Esta pergunta tornou-se norteadora durante o levantamento de fontes e a realização desta pesquisa.

A pesquisa tinha por objetivos específicos identificar: a) os membros das sociedades italianas; b) o papel exercido pelas sociedades na propagação de uma identidade étnica e c) as contribuições da comunidade italiana para a cidade de Pelotas durante o último quartel do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX.

Com as comemorações do Centenário da Imigração italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, diversos pesquisadores tais como, Thales de Azevedo (1975), Olívio Manfroi (1975), Rovílio Costa (1976), Arlindo Batistel (1981) concentraram seus estudos neste campo da produção histórica. Durante este período até o final dos anos de 1980 resultado foi o denominador comum de que o imigrante italiano era pacífico, ordeiro, trabalhador e religioso, sendo assim o cotidiano era marcado pelo trajeto: casa, trabalho e comunidade religiosa. Estes estudos focavam na área colonial que compreendia os municípios da serra gaúcha. Vale destacar que os referidos estudos contribuíram muito para a produção historiográfica.

No entanto, uma nova historiografia vem sendo desenvolvida, mostrando um outro olhar sobre o imigrante, na qual tais adjetivos não eram comumente usados para designá-los. Estes novos estudos também inovaram quanto à localização geográfica, priorizando a presença de italianos em áreas urbanas de outras cidades gaúchas. Nesta perspectiva, destaca-se o trabalho realizado pela professora Núncia Santoro de Constantino, com o *Italiano da Esquina*, no qual desenvolveu uma pesquisa a cerca dos imigrantes italianos na cidade de Porto Alegre. Outros estudos que também passaram a contribuir, foram os que se detiveram em estudar a imigração a partir do ponto de vista italiano, como no caso da pesquisa da professora Luiza Iotti (1996).

Também nesta nova fase da produção de conhecimento histórico sobre a imigração italiana, os pesquisadores começaram a trabalhar com os imigrantes “comuns”. Este viés inserido na perspectiva da “história vista de baixo”, tem contribuído para a concepção de novos sujeitos históricos.

No primeiro capítulo intitulado *Imigração e Identidade* apresentamos o contexto histórico da imigração no Rio Grande do Sul, tendo como marco histórico a chegada dos imigrantes alemães, a partir de 1824 até a chegada dos italianos, em 1875. Se tratando de uma pesquisa focada na comunidade italiana, da cidade de Pelotas, abordaremos um pequeno contexto da ocupação territorial feita por imigrantes europeus na Serra dos Tapes, especificamente na Colônia Maciel, por se tratar de uma comunidade de descendentes italianos. Posteriormente, no que tange ao conceito de Identidade, traçaremos, de forma breve, o processo de formação de uma identidade nacional. Utilizando-se de um aporte teórico sobre identidade étnica, explicaremos o processo de formação de uma italianidade, entre os imigrantes radicados no Rio Grande do Sul

O segundo capítulo, *Relatos de Italianos sobre a cidade de Pelotas*, irá abordar a representação da cidade, através de três fontes e três períodos distintos. As fontes utilizadas para a elaboração deste capítulo foram um relatório consular, um relato de viajante e um álbum comemorativo.

Primeiro se utilizará o relato do italiano, Enrico Acton. Este relatório foi produzido a partir do período em que Acton esteve na direção do vice-consulado italiano da cidade de Pelotas, na última década do século XIX.

A segunda fonte que será utilizada foi produzida por Vittorio Buccelli. Este viajante italiano passou pela cidade, no ano de 1905 e, como estava prestando serviço ao governo do Rio Grande do Sul, seu relato está comprometido pelo seu encargo.

Por último, se utilizará o álbum comemorativo ao Cinquentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, publicado no ano de 1925. Este álbum, financiado pelo governo italiano, apresenta as contribuições da comunidade italiana à cidade de Pelotas.

No terceiro capítulo, intitulado *A Presença de Italianos em Pelotas: Italianidade através das Sociedades Italiana apresentaremos* os indícios da presença de italianos na história econômica e cultural da cidade. O capítulo está dividido em duas partes distintas.

A primeira apresenta um histórico das diversas sociedades italianas que existiram e coexistiram entre o período de 1873 a 1925. A elaboração deste histórico foi feita por meio da consulta de jornais locais que possibilitaram identificar a trajetória de tais entidades e seus membros no cotidiano da cidade. A segunda parte deste capítulo se utilizará do Livro de Não Naturalizados, de 1890, preservado na Biblioteca Pública de Pelotas. Por meio desta fonte procuraremos evidenciar os sujeitos contrários ao processo de naturalização realizado pelo governo republicano, visto que tal aspecto pode ser visto como um aspecto do sentimento italianidade.

CAPÍTULO I: IMIGRAÇÃO e IDENTIDADE

Este capítulo está dividido em duas partes, abordaremos as questões ligadas aos conceitos de imigração e identidade.

No que tange ao tema da imigração, dividimos em dois itens. Primeiramente será contemplado o contexto histórico da imigração no Rio Grande do Sul, entre o período compreendido pelos anos de 1824 a 1875, quando a Província recebeu um grande número de imigrantes europeus, provenientes da Alemanha e da Itália, primeiramente de uma forma espontânea e posteriormente de forma tutelada. Posteriormente, o segundo item abordará a colonização italiana na Serra dos Tapes, especificamente na Colônia Maciel, pertencente ao município de Pelotas.

Já sobre as questões ligadas à identidade, também se optou por dividir em dois itens. No primeiro será traçado um breve panorama sobre a formação da identidade nacional no Brasil. Em seguida, será abordado o conceito de identidade étnica. De forma específica, se pautará na formação de uma “italianidade” visto que o objeto de pesquisa desta dissertação é a comunidade italiana na cidade de Pelotas, no período entre 1870-1925.

1.1 Contextos Históricos da Imigração no Rio Grande do Sul: dos alemães aos italianos

O Rio Grande do Sul, desde o Século XVIII, já recebia imigrantes. Neste período foram portugueses provenientes das ilhas dos Açores. A imigração açoriana foi um movimento estratégico para que o domínio português fosse resguardado na Província de São Pedro. Primeiro se deu a povoação de Rio Grande e, em 1752, cerca de 40 casais de açorianos fundaram o Porto dos Casais – atualmente Porto Alegre - e começaram a adentrar pelo vale do Rio Jacuí.

A partir da independência, em 1824, foi a vez dos imigrantes alemães começarem a ocupar o vale do Rio dos Sinos, com o objetivo de produzir alimentos de subsistência, bem como, proteger as fronteiras do Império.

Em 25 de julho de 1824 foi ocupada por imigrantes alemães a colônia de São Leopoldo, localizada nas terras onde funcionava a antiga Feitoria do linho Cânhamo. As terras que foram disponibilizadas para o processo de assentamento dos imigrantes eram públicas ou devolutas, mas não despovoadas. Os imigrantes que chegaram entre 1824 e 1830 receberam lotes de terras com cerca de 80 hectares voltada para a produção familiar. Neste período foram fundadas as seguintes colônias no Vale do Rio dos Sinos: Campo Bom (1825), Dois Irmãos (1824) e Ivoti (1828).

Entre 1831 e 1845, não há entrada de imigrantes alemães na Província de São Pedro por dois motivos: a) a crise política conflagrada pela abdicação de Dom Pedro I com a instalação do período regencial até a maioridade do príncipe herdeiro; e b) entre 1835 a 1845, ocorreu a Revolução Farroupilha. Com a ascensão do novo imperador brasileiro, Dom Pedro II, em 1840, e com assinatura do Tratado de Ponche Verde, na qual declarava-se o fim da Revolução Farroupilha, uma nova política de imigração seria adotada para o período seguinte.

Segundo a historiadora Luiza Iotti (2001, p. 101), a *Lei N.514* de 28 de outubro de 1848, dispunha que:

Art.16: A cada uma das Províncias do Império ficam concedidas no mesmo, ou em diferentes lugares de seu território, seis léguas em quadras de terras devolutas, as quais serão exclusivamente destinadas à colonização, e não poderão ser roteadas por braços escravos. Estas terras não poderão ser transferidas pelos colonos enquanto não estiverem efetivamente roteadas e aproveitadas, e reverterão ao domínio Provincial se dentro de cinco anos os colonos respectivos não tiverem cumprido esta condição.

No período vigente à lei, foi criada então a Colônia Santa Cruz, em 1849, pelo Barão de Caçapava que ocupava o cargo de presidente da Província. A partir de então outras colônias seriam criadas nas regiões dos vales dos rios Caí, do Jacuí e do Taquari.

No mês de setembro de 1850 duas leis importantes foram assinadas. Primeiramente a *Lei 581 (Lei Eusébio de Queiroz)*, de 04 de setembro, que proibia a entrada de navios negreiros no Brasil, e a *Lei 601 (Lei de Terras)*, por sua vez, decretava que as terras devolutas, a partir de então, não poderiam ser mais doadas, e sim comercializadas. Sendo assim, a primeira lei representava o lento e gradual processo de substituição da mão-de-obra escrava; já a segunda, modificava a política de acesso a terra no império.

A *Lei Provincial N. 304*, de 30 de novembro de 1854, foi a precursora para que realmente o projeto de imigração provincial fosse adotado, além de ter sido uma adaptação da *Lei de Terras*, pois dispunha que a colonização da província seria feita somente através da venda a imigrantes, à vista ou a prazo, de lotes de 48 hectares. Essa mesma lei autorizava o Presidente da Província a comprar terras devolutas para fomentar a colonização (IOTTI, 2003). Durante a segunda metade do Século XIX, se criaram novas colônias de imigrantes alemães, tais como as de Santo Ângelo (1857), Nova Petrópolis (1858) e Monte Alverne (1859).

Como a terra passou a ser comercializada, despertou-se o interesse da iniciativa privada na criação de colônias concorrendo com o Império e a Província na implantação de núcleos coloniais. Exemplo, destas colônias particulares, foi a Colônia São Lourenço, criada em 1858, a partir da compra de terras devolutas na Serra dos Tapes pelo alemão Jacob Rheingantz. Além desta colônia particular foram criadas muitas outras na Província de São Pedro, tais como: Estrela (1853), Teutônia (1858), São Vendelino (1861) e Arroio Grande (1869).

Entre 1850 a 1889, segundo Iotti (2010, p. 50), “foram criadas 250 colônias no Brasil, sendo que, destas, 197 (78,8%) eram particulares, 50 (20%) imperiais, e 3 (1,2%) provinciais”. Ou seja, neste período, a grande maioria das colônias foram criadas a partir de particulares ou sociedades colonizadoras. Dessa forma, as empresas privadas objetivavam o lucro e “não raro, loteavam e vendiam, à vista ou a prazo, terras em litígios ou ocupadas”, sem mencionar o fato de que as colônias particulares não disponibilizavam de uma infraestrutura mínima comparada com as colônias imperiais. Iotti (2010) ainda

apresenta o dado que entre 1859 e 1874, a Província recebeu 12.563 colonos, distribuídos da seguinte maneira: 8.412 alemães, 1.452 austríacos, 648 franceses, 263 suíços, 729 italianos e 1.050 de outras nacionalidades.

Apesar dos números apresentados anteriormente, das criações de colônias particulares e provinciais, a entrada de imigrantes era consideravelmente baixa, fazendo com que em 19 de janeiro de 1867 fosse criado o *Decreto Imperial 3.784*, que concedia favores e auxílios para promover a colonização no Império. Dentre os auxílios, os imigrantes ganhariam: parcelamento do lote em 5 prestações iguais após dois anos da chegada dos mesmos no lote (art.6º), alimentação gratuita durante os dez primeiros dias (art.29º), sementes e ferramentas para o cultivo e o trabalho nos lotes (art.31º), trabalho remunerado por 15 dias mensais, no primeiro semestre (art.33º), os lotes teriam três medidas distintas, conseqüentemente valores distintos: 60, 30 ou 15 hectares (art.4º), haveria um prédio para provisoriamente abrigar os colonos (art.30º). Tal decreto ficou em vigor até 1879 (IOTTI,2010), quando houve uma redução da verba destinada à imigração.

Com o intuito de povoar as terras devolutas na encosta superior do nordeste da Província de São Pedro, foram criadas as Colônias Conde D'Eu e Dona Isabel (1870)² e Fundos de Nova Palmira³ (1875). Já na década posterior, ainda na região serrana, foram criadas as colônias: Alfredo Chaves (1885), São Marcos (1885) e Antônio Prado (1888), configurando então a Região de Colonização Italiana – RCI – no Rio Grande do Sul. Para Iotti, (2010, p.73), “de 1875 a 1889, o Rio Grande do Sul recebeu, aproximadamente, 40 mil imigrantes [italianos], provenientes, sobretudo da Lombardia, do Vêneto e do Tirol”.

Houve ainda a criação de uma colônia, destinada aos imigrantes italianos, na área central da Província, denominada Silveira Martins (1877). Segundo Sponchiado (apud VENDRAME, Maíra, 2007, p.16):

² O Ato de 24 de maio de 1870, assinado por João Sertório, denominava estes dois territórios cedidos à Província de São Pedro: “O presidente da Província resolve que o 1º daqueles territórios se denomine Colônia Conde D'Eu e o 2º Princesa D. Izabel.” (IOTTI, 2001, p. 656)

³ A Colônia Fundos de Nova Palmira, posteriormente, em 1877, seria rebatizada com o nome Colônia Caxias (DE BONI, 1987, p. 173).

Em 1876, foi criado o Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte, sendo de imigrantes russo-alemães (poloneses) os primeiros a chegar à região em 1877. Insatisfeitos com as condições que lhe foram apresentadas, abandonaram o local pouco antes da chegada dos imigrantes italianos, em dezembro de 1877. O lugar passou a ser denominado de Quarto Núcleo Imperial de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, e, em 21 de setembro de 1878 teve seu nome alterado para “Colônia Silveira Martins”, em homenagem ao Senador Gaspar Silveira Martins.

Neste novo fluxo migratório, devido às diversas mudanças na legislação sobre colonização, a imigração italiana diferenciou-se da imigração alemã em dois aspectos fundamentais: a) venda de lotes devido à *Lei de Terras* (1850), diminuindo a quantidade territorial dos lotes e, b) características topográficas e hidrográficas divergentes. Segundo Fabiano Q. Rückert (2013), nas colônias italianas localizadas na serra, foram demarcados 168.578 lotes rurais. Fabiano ainda analisa que devido à localização das colônias alemãs na área dos vales, estes usavam a navegação para o escoamento da produção, enquanto os italianos, devido ao relevo acidentado, necessitavam escoar a produção através do transporte terrestre.

Em 1884, as quatro colônias imperiais fundadas na Província foram elevadas à categoria de freguesias, através da *Lei N.1455* de 26 de abril de 1884:

O Doutor José Júlio de Albuquerque Barros, do Conselho de S.M. O Imperador, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, etc. Faço Saber a todos os habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a Lei seguinte: Art.1º Ficam elevadas à categoria de freguesia os complexos coloniais de Caxias, Conde D'Eu, D. Izabel e Silveira Martins. (IOTTI, 2001, p. 687).

O contexto histórico aqui apresentado tratou-se sobre o caso da imigração, tanto de alemães quanto de italianos, voltada para a ocupação de terras devolutas. Esta onda de imigração pode ser considerada como uma imigração tutelada e direcionada tanto pelo Império quanto pela Província, mas que de certa forma interagiu com a onda de imigrantes cidadãos.

1.1.2 A Colônia Italiana na Serra dos Tapes

No mapa abaixo (figura 1) apresenta-se a localização geográfica do município da cidade de Pelotas, a qual grande parte dos distritos estão localizados na Serra dos Tapes:

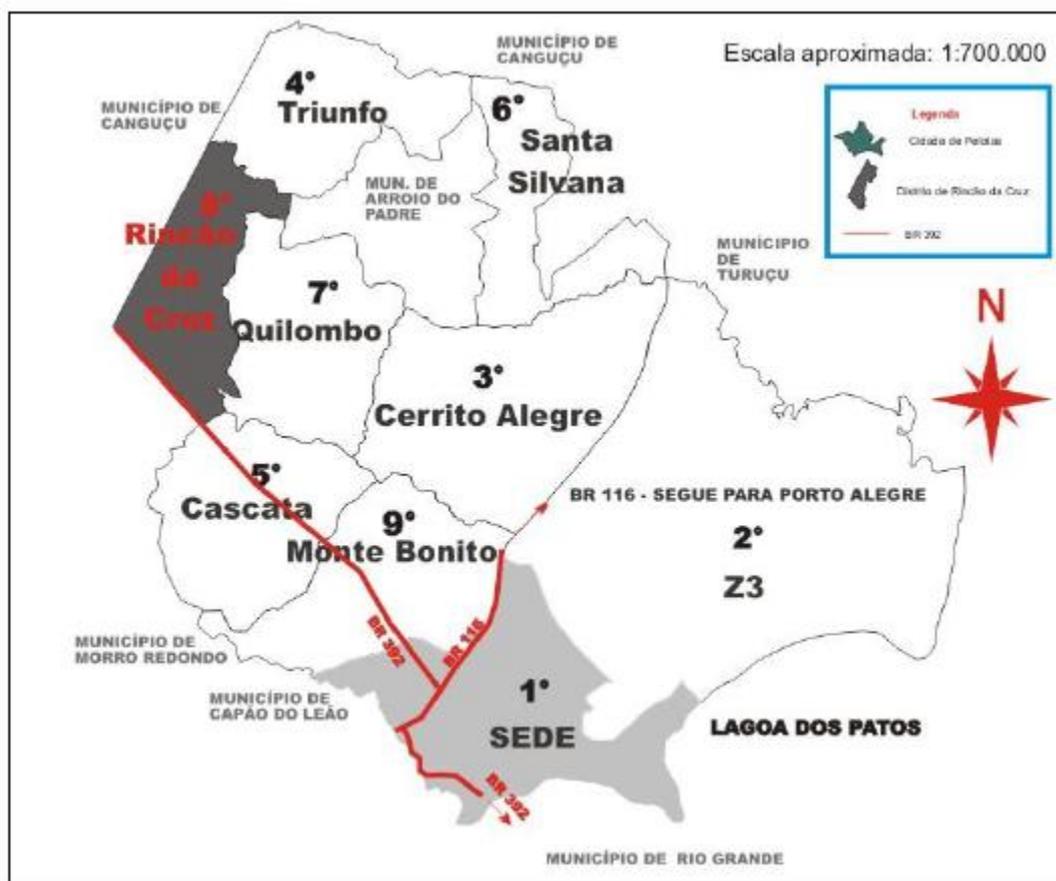


Figura 1: Mapa do Município de Pelotas

Fonte: PANIS, 2007

A Serra dos Tapes, era uma região rica em matas e possuía uma terra fértil, no entanto, não era comumente utilizada para a agricultura até meados do século XIX. Conforme Gutierrez (2001, p. 218):

As datas de matos na serra dos Tapes foram concedidas aos charqueadores em 1800. Ali, mais que a agricultura, extraía-se todo o tipo de madeira, que ia para as fábricas, para alimentarem as caldeiras e fornalhas a vapor, utilizadas na fabricação de graxa e sebo. Parte da madeira seguia para a construção civil, na cidade.

Por serem banhadas por diversos arroios, as terras localizadas na Serra dos Tapes, durante os meses de junho a setembro, eram trabalhadas pelos escravos, já que os charqueadores utilizavam a mão-de-obra escrava na derrubada de matas ou na fabricação de tijolos e telhas. Segundo Gutierrez (2001, p. 230):

Nos dias frios de inverno, quando o pasto estava ralo e o gado magro, não se matava. Encharcadas das chuvas, mais maleável, a argila era retirada para a preparação de tijolos e telhas. Os cativos passavam os invernos cobertos pelo barro úmido que extraíam, moldavam, queimavam e levantavam a cidade que nascia e crescia à sombra da escravidão.

Ao mesmo tempo em que os escravos eram mandados para a Serra dos Tapes a trabalho, esta região também era local de refúgio para os escravos fugitivos. Tanto é que, hoje, a localidade da Vila Nova, onde ficava a colônia francesa, está situada no Distrito do Quilombo, revelando que, no passado, próximo à localidade, havia um quilombo. Sobre quilombos na Serra dos Tapes, Mario Maestri (1996, p. 307) fala que:

Na região, a Serra dos Tapes, com importante vegetação, arroios, caça abundante e boas terras, era hábitat ideal para quilombolas tentarem reconstruir uma vida em liberdade. As primeiras ondulações da Serra dos Tapes se encontram a uns vinte quilômetros de Pelotas. (...) O quilombo de Manoel Padeiro teria sido formado no segundo semestre de 1834. O certo é que nos primeiros dias de abril de 1835, sob a indiscutível autoridade de Padeiro, o bando passou a assaltar as chácaras da Serra dos Tapes.

A partir de 1850, as terras localizadas na Serra dos Tapes, em virtude da *Lei de Terras*, passaram a ser loteadas para que fossem ocupadas por imigrantes estrangeiros, conforme Marinês Grando (apud ANJOS, 2000, p. 68):

Toda a Serra [dos Tapes] foi dividida em pequenas propriedades, as picadas multiplicavam-se e nelas o movimento crescia. Estabeleceu-se ali uma corrente de imigrantes, que geralmente não chegavam diretamente da Europa. Eram originários das colônias situadas mais ao norte do Rio Grande do Sul, sendo, na sua maioria, alemães. Mas afluíram para lá também espanhóis, austríacos, franceses e italianos, muitas vezes vindos mesmo de outras províncias. De caráter espontâneo, essa imigração era atraída pelos organizadores das colônias, que, com ela, auferiram grandes lucros.

Através do cruzamento de dados entre o *Relatório da Intendência Municipal de 1922* e *Conselhos aos Emigrantes para o Sul do Brasil*, elaborado por Carl Otto Ullrich o panorama geral das colônias que foram criadas na Serra dos Tapes, no período posterior a 1850 conforme a tabela (I) abaixo:

Tabela I: Lista de colônias criadas na Serra dos Tapes

Colônia Lopes	1866
Colônia Arroio do Padre	1868
Colônia Cerrito	1868
Colônia Bismark	1868
Colônia Santa clara	1869
Colônia Santa Silvana	1869
Colônia Arroio Bonito	1869
Colônia São Domingos	1875
Colônia Santo Antonio	1881
Colônia Arroio Grande	1881
Colônia Continuação	1881
Colônia Aliança	1881
Colônia Municipal	1882
Colônia Santa Colleta	1882
Colônia Santa Helena	1882
Colônia Retiro	1883
Colônia São Simão	1883
Colônia Accioli	1885
Colônia Afonso Pena	1885
Colônia São Luiz	1885
Colônia Marina	1885
Colônia Santo Amor	1885
Colônia Morro Redondo	1885
Colônia Maciel	1885
Colônia São Zacharias	1885
Colônia Domingos Fragata	1885
Colônia Santa Eulália	1889
Colônia Santo Bento	1889
Colônia Progresso	1891
Colônia Catita	1891
Colônia São Manuel	1891
Colônia Manuel Dias	1892
Colônia Santa Izabel	1893
Colônia Santa Áurea	1893
Colônia Santa Maria	1893

(ANJOS, 2000, p. 68-72)

Das colônias criadas entre as décadas de 1860-90, oito colônias mencionavam a presença de imigrantes italianos, sendo elas: São Simão, Afonso Pena, São Luiz, Marina, Santo Amor, Maciel e São Zacharias. Destas, a Colônia Maciel era a que tinha o maior número de famílias italianas: 55 famílias.

A Colônia Maciel⁴, segundo o levantamento de Marcos Hallal dos Anjos (2000, p. 71) teria sido fundada pelo Governo Imperial no ano de 1885, enquanto o *Livro Tombo* da Paróquia Sant'Ana, apresenta que a primeira leva de imigrantes chegou em 1884:

Histórico da Colônia Maciel, da Capela e da criação da nova freguesia de Santa Anna, cuja sede está na 1ª secção da Colônia Maciel. Não me é possível recolher e reproduzir aqui todos os dados históricos de alguma importância, porém alguns dos mais notáveis vão aqui. O nome de Colônia Maciel, teve origem do primitivo nome dono desta data de matos, de 50 colônias mais ou menos, Fulano De Tal... Maciel. No ano de 1883 (ou 1884 - início da colonização) mais ou menos, mandaram ele dividir esta data de matos em lotes coloniais, e um ano depois introduzia alguns colonos (emigrantes) italianos da região Vêneto em sua maioria da Província de Treviso. No centro destas colônias o governo mandou construir um Barracão, onde os emigrantes moraram por algum tempo, até colocá-los nos lotes coloniais. Aos primeiros que aqui chegaram deu um lote urbano, perto d'onde construíram o dito Barracão. Mais tarde servia de capela. Na mesma ocasião o governo designou 4 lotes urbanos para o Cemitério da Colônia e um lote para a Igreja, que era o lote que se achava o Barracão. Esta Colônia fica quase toda no quinto distrito de Pelotas, pela nova divisão dos municípios, de Pelotas e Canguçu. Foinos anos de 1884 a 1886 que vieram os primeiros colonos, para a Maciel. Aqui escrevemos os nomes das famílias que começaram a povoar estas colônias e derrubar os matos. No primeiro ano tiveram auxilio do governo tanto dos viveres, como das ferramentas para os trabalhos. (*Livro Tombo da Paróquia Sant'Antana, p. 1*)

Ao prosseguir a leitura do histórico da Colônia Maciel, nos é apresentada a lista dos imigrantes e o ano da chegada na colônia. Para facilitar, foram feitas duas tabelas (II e III) em que apresentam-se os dados como, nome e profissão, conforme o ano das levas de imigrantes:

Tabela II: Lista de imigrantes que chegaram na Colônia Maciel entre 1884/1886:

Nome	Profissão
Noé Talamini	Moleiro
Jorge Bonat	Agricultor
Pedro Bonat	Agricultor
Antônio Marini	Comerciante
Domingos Franconi	Agricultor
Antonio Scaramuzza	Agricultor
Luiz Zanini	Não Consta
Francisco Balbinotti	Agricultor
Matheus Compores	Não Consta
Leopoldo Aldrighi	Agricultor

⁴ Para saber mais sobre a imigração italiana na Colônia Maciel e seus descendentes, conferir (GERHKE, 2013); (NEIS, 2014) .

Joaquim Aldrighi	Comerciante
LuisAldrighi	Agricultor
José Aldrighi	Agricultor
Domingos Gasparoni	Agricultor
Eugenio Tassi	Agricultor
Manuel Bortolo	Agricultor
Francisco Bianchè (francês)	Agricultor
José Arbès (francês)	Agricultor

(Livro Tombo da Paróquia de Sant'Ana, p. 2)

Tabela III: Lista de imigrantes que chegaram na Colônia Maciel após 1887:

Nome	Profissão
Cesar Schiavon	Agricultor
SilverioSchiavon	Agricultor
Norberto Schiavon	Agricultor
João Doro	Agricultor
AngeloArtuso	Agricultor
AngeloCerron	Agricultor
AngeloTravanetti	Agricultor
AngeloCamellatto	Agricultor
Antônio Meggiatto	Agricultor
Josué Bonnano	Agricultor
Luiz Zaffalon	Agricultor
Abraham Stocco	Agricultor
Sebastião Formentin	Agricultor
Antônio Giacomini	Agricultor
José Giacomini	Agricultor
Eugenio Cavalin	Agricultor
Antônio Pegoraro	Agricultor
Estevam Zanatto	Agricultor
Luiz Zanatto	Agricultor
Eugenio Zoggia	Agricultor
Antônio Zanetti	Agricultor
Antônio Zanetti Sobrinho	Agricultor
BartaloBalbinotti	Agricultor
Justo Casarin	Agricultor
Antônio Portantiollo	Agricultor
Vicente Meggiatto	Agricultor
InnocentiVoltan	Agricultor
Eugenio Morello	Agricultor
José Baassi	Agricultor
José Zanotti	Agricultor
Natal Marcolin	Agricultor

(Livro Tombo da Paróquia Sant'Ana, p. 3)

Através dos dados apresentados, pode-se analisar que nos últimos anos da década de 1880 chegaram à Colônia Maciel 49 imigrantes, destes, dois eram franceses. Do grupo de imigrantes da península itálica no período

analisado, constatou-se que 47 famílias se instalaram nos lotes da Colônia Maciel.

1.2 A Identidade: Primórdios de uma Identidade Nacional no Brasil

A formação da identidade no Brasil foi um processo que esteve presente durante diversos períodos históricos, tais como: no Império, na República Velha, no Estado Novo e na Ditadura Civil-Militar. Diversos foram os mecanismos que contribuíram para a criação da identidade brasileira, como por exemplo, a literatura do final do século XIX com o escritor José de Alencar ou as telas do pintor Pedro Américo, retratando momentos históricos do Brasil.

João Paulo Pimenta, em *Portugueses, americanos, brasileiros: identidades políticas na crise do Antigo Regime luso-brasileiro*, aborda que a nação portuguesa era o elo coletivo entre os habitantes⁵ do Brasil no período colonial. Estes poderiam ser portugueses paulistas, moradores da província de São Paulo, portugueses de minas, da província de Minas Gerais, etc. No entanto, quando vistos por outras nações, eram todos portugueses. Segundo o que escreve Pimenta (2006, p. 71):

Obedecendo a tal lógica, durante três séculos, o componente fundamental, desse substrato identitário foi a identificação da grande comunidade integrada por todos os súditos do mesmo rei (Portugal), gravitando em torno de sua imagem, da dinastia e da sede da monarquia, portadores – ao menos oficialmente – da religião católica.

Mas, não se pode esquecer, que o português nascido em uma das colônias, não era bem visto pelos portugueses da metrópole. Além do mais, as colônias eram consideradas como locais habitados por selvagens que só tinham a utilidade de abastecer a metrópole com os mais variados produtos.

No entanto, com a chegada da família imperial e a corte portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, ocorreram várias mudanças como: a abertura dos

⁵ Deixamos subentendido aqui, que o conceito de cidadão português excluía os negros e os índios.

portos, a criação da imprensa, de fábricas, do banco, enfim uma modernização e urbanização da cidade do Rio de Janeiro.

Mas, se no período colonial, ser um súdito da coroa portuguesa era um elemento de ligação, durante o período em que a corte estava localizada na América, se intensificou o atrito entre o português da América e o português peninsular.

Foi durante a regência de Dom João VI que surgiram dois jornais: o *Correio Brasiliense*, editado em Londres, e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornal oficial da corte. Enquanto a *Gazeta* transmitia informações da Europa para o Brasil, o *Brasiliense* fazia o caminho inverso, publicava notícias da América portuguesa e espanhola para a Europa. Com o termo *Brasiliense* foi designado, a partir de então, pessoas nascidas no Brasil. Pimenta (2006, p. 78-79) aponta que o *Correio Brasiliense* em fevereiro de 1822, período anterior à independência, assumia uma posição política em torno do substantivo *brasileiro*:

Chamamos de Braziliense o natural do Brasil; Brasileiro o português europeu ou o estrangeiro, que lá vai negociar ou estabelecer-se; seguindo o gênio da língua portuguesa, na qual a terminação *eiro* denota ocupação; exemplo o sapateiro o que faz sapatos; ferreiro o que trabalha em ferro; cerieiro o que trabalha em cera; o brasileiro o que negocia em brasis ou gêneros do Brasil, etc; por outra parte, o natural da Bahia, bahiense e não bahieiro. A terminação *ano* também serviria para isso; como por exemplo de Pernambuco, pernambucano; e assim poderíamos dizer brasileiro, mas por via de distinção, desde que começamos a escrever este Periódico, limitamos o derivado brasileiro para indígenas do país, usando do outro braziliense, para os estrangeiros e seus descendentes ali nascidos ou estabelecidos; e atuais possuidores do país.

Após a proclamação da independência, nas palavras de Lilia Moritz Schwarcz (2002, p.54), “criou-se o Estado, mas não uma Nação”. Agora era necessário criar uma identidade, pois assim surgiria a nação brasileira.

Dom Pedro I, ao proclamar a independência renunciou aos seus laços com Portugal a partir de 21 de abril de 1822. José Luis Fiorin (2009, p.17) ao analisar os fatos históricos que levaram ao surgimento do novo Império, problematiza a questão da identidade nacional:

No entanto, a constituição da nação brasileira apresenta um problema, já que a independência é proclamada por um príncipe português, herdeiro do trono de Portugal. Não houve, portanto, uma ruptura completa com a antiga metrópole. O trabalho da construção da nacionalidade começa, então com a nacionalização do monarca. Pedro I é mostrado como alguém que renuncia a Portugal e assume a nacionalidade brasileira. (...) o episódio do Dia do Fico, em que o Príncipe afronta as Cortes Portuguesas, para “fazer o bem de todos e a felicidade geral da Nação”.

Mas que nacionalidade é esta sem uma identidade? Ora, durante todo o período imperial, tentou-se construir a identidade brasileira na qual se levava em conta a herança portuguesa, mas levando em consideração que o brasileiro era alguém diferente do lusitano.

Em 1838 houve a fundação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Posteriormente, na década de 1850, foi publicado da obra *História Geral do Brasil*, escrita por Francisco Adolfo de Varnhagen. Estes dois episódios contribuíram para a início da construção de uma identidade nacional.

No Império, dentre os diversos elementos que contribuíram para a formação de uma identidade nacional no Brasil, sem sombra de dúvida foi a literatura a mais importante. Escritores como José de Alencar, Aluísio Azevedo, Lima Barreto e tantos outros, que suas obras conseguiram representar as pluralidades culturais da sociedade brasileira ao longo dos tempos resultando no Brasil como uma nação. Para Fiorin (2009, p.124):

A identidade autodescrita do brasileiro é sempre a que é criada pelo princípio da participação, da mistura. Daí se descreve o brasileiro como alguém aberto, acolhedor, cordial, agradável, sempre pronto a dar um “jeitinho”. Ocultam-se o preconceito, a violência que perpassa as relações cotidianas etc.

De certa forma a questão da identidade nacional brasileira não foi resolvida por completa durante o Império, mas buscou-se mecanismos para que tal sentimento fosse construído. Na República, durante o Estado Novo (1937-1945) a criação e o fortalecimento de uma identidade nacional seria novamente fruto de políticas públicas.

1.2.1 Identidade Étnica:

Acreditava-se que a chegada de imigrantes europeus na Província de São Pedro sanaria dois problemas fundamentais: pois o povoamento levaria ao abastecimento de produtos agrícolas para a província. Cabe ressaltar que, os nacionais desprivilegiados (negros e indígenas) não participaram desta política de ocupação territorial. Paulo Possamai (2005), menciona que os brasileiros demonstravam aversão aos imigrantes, justamente pelo fato de ambos serem excluídos do acesso à terra.

Estes imigrantes trouxeram consigo diferenças linguísticas, culturais e religiosas que acabaram isolando-os do resto dos brasileiros. Estes isolamentos são possíveis de serem identificados através das linhas e picadas que passaram a existir nas colônias, bem como, a identificação destas colônias como sendo “colônia alemã” e “colônia italiana”. (SEYFERTH, 2000)

Ao longo deste trabalho se usará o conceito de identidade étnica que, segundo Giralda Seyfeth (2000, p. 152) é caracterizado como sendo uma busca de um grupo específico por laços que “envolvem ascendência e sangue (ou raça), cultura e língua singulares – portanto, percepções cognitivas de diferenças associadas à origem comum.” Isto é, a identidade étnica forma-se através do sentimento de pertencimento de um grupo específico em oposição aos outros.

Paulo Possamai (2005), ao estudar a identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes, analisa que o próprio governo brasileiro tentou evitar a formação de ilhas étnicas, misturando imigrantes de diversas nacionalidades. No entanto os imigrantes acabavam trocando os lotes e, conseguiam assim criar pequenas ilhas culturais dentro das linhas e picadas.

Sobre a organização dos imigrantes em comunidades étnicas, Giralda Seyferth (2000, p. 148) resume que:

A localização de imigrantes de uma mesma origem nacional e áreas circunscritas facilitou uma organização comunitária étnica e a manutenção do uso cotidiano da língua materna. Por outro lado, a relativa ausência do Estado, no âmbito assistencial, especialmente no período sob administração colonial, levou os colonos à formação de associações de auxílio-mútuo e a criação de escolas elementares – que depois teriam papel importante na especificação de peculiaridades étnicas.

Alguns alemães e italianos tornaram-se resistentes à “brasilidade” e, de certa forma, propagavam sua “germanidade” ou “italianidade” dentro do território brasileiro através de suas sociedades, imprensas e escolas, que foram permitidas até 1937. Outras instituições também cumpriram o papel de reforçar a identidade étnica, tais como a família, principal propagadora dos valores étnicos e a religião, seja a católica ou a luterana.

Além do mais, enquanto no Brasil, a identidade se dá através da localidade de nascimento (*juis solis*), para os alemães e italianos, a identidade estava associada ao fator sanguíneo (*juis sanguinis*), isto é, mesmo que os filhos dos imigrantes nascessem em terras brasileiras, eles seriam alemães ou italianos, pois seus genitores eram destas etnias.

Sobre a questão de a identidade étnica estar mais assimilada entre os imigrantes do que a identidade brasileira, durante os últimos anos do Império e conseqüentemente durante toda a República Velha, Giralda (2000) afirma que somente a Campanha de Nacionalização, promovida pelo Estado Novo resolveria tais questões:

Durante a República Velha culpava-se o Império por uma política imigratória “desastrosa” que produziu grupos estranhos à formação nacional no sul do país; e no Estado Novo culpava-se República Velha por nada ter feito para resolver esse “problema de segurança nacional” – discurso que redundou na prática da assimilação forçada tentada pela campanha de nacionalização entre 1937 e 1945.

Cabe salientar que quando ocorreu o processo de emigração dos italianos, em 1875, a Itália recém estava unificada⁶. Logo a identidade italiana não estava assimilada por todos, portanto foi em solo brasileiro que houve o sentimento de pertencimento à identidade italiana. Carboni (apud POSSAMAI, 2005, p. 74) ressalta que:

Em relação às demais nacionalidades presentes no Brasil, os colonos peninsulares foram identificados, de maneira generalizada, como italianos, e a língua por eles falada, como italiana. Fortalecida pelo unitarismo peninsular, essa generalização foi adotada pelos próprios imigrantes, que passaram a se autodenominar de italianos ou taliani.

⁶ Leva-se em conta como o processo da Unificação Italiana, o ano da conquista e proclamação de Roma como capital da Itália em 20 de setembro de 1870. Já que, em 1861 simplesmente ocorreu a proclamação do rei Vítorio Emanuel como Rei do Reino Unido da Itália, e Veneza só seria anexada ao novo reino em 1866.

As comemorações do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul em 1975 proporcionaram que estudos históricos fossem realizados. Até aquele momento, a bibliografia histórica era quase nula. Mário Maestri (2005, p. 137) elenca a produção histórica do período:

Em 1974 e 1975, foram premiadas pelo certame e publicadas as obras do capuchinho Rovílio Costa, *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costume e tradições*, de Vitalina Frosi e Ciro Mioranza, sobre os dialetos ítalo-gaúchos – *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processo de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*, e a tradução ao português da obra *Memórias de um imigrante italiano*, de Júlio Lorenzoni.

Foi neste período que outras duas obras se tornariam clássicas sobre a imigração italiana no estado. Primeira a de Thales de Azevedo, com *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no RS* e a segunda, desenvolvida por Olívio Manfroi, *A colonização italiana no RS: implicações econômicas, políticas e culturais*.

Na obra de Thales de Azevedo, a religião foi o aglutinador para a formação da identidade dos imigrantes que cá se fixaram. Já Olívio Manfroi, além de reforçar a religião como um elo aglutinador, mostra o fator trabalho como outro elo construtor da identidade italiana riograndense, além de retratar a imigração como uma epopeia.

Desta forma, nos trabalhos subsequentes, houve a criação de um mito em volta da figura do imigrante italiano. Maíra Vendrame (2007, p. 293) apresenta tal olhar:

Em relação às regiões de colonização italiana do rio Grande do Sul, a historiografia tradicional destaca aspectos como o isolamento e o abandono, e os imigrantes são apresentados como passivos, ordeiros, laboriosos e profundamente católicos.

Este olhar sobre os imigrantes esteve presente até a década de 1990, quando então começaram a surgir trabalhos que o desmitificavam. Vale destacar a obra do historiador Paulo Possamai, *“Dall’Italia siamo partiti”: a questão da identidade entre imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*, publicada em 2005.

Ao escrever a apresentação do livro, Martin Dreher, justifica o motivo pela importância da publicação de Possamai (2005, p. 8):

Verificasse, contudo, serem poucos os estudos dedicados à análise da construção da identidade coletiva dos imigrantes e, entre esses, majoritariamente, é defendida a tese de que eles tenham tido identidade étnica fraca (...) Possamai, no entanto, nos consegue demonstrar que o discurso historiográfico de que o imigrante tenha sido muito católico e, também por isso avesso ao nacionalismo italiano é construção histórica que pouco corresponde à realidade.

Possamai (2005, p. 84) demonstra que logo na década de 1880, os imigrantes assimilaram alguns costumes da nova terra, pois lembravam o status dos senhores:

Já em 1880 colonos gostavam de se fotografar com roupas de gaúcho e existe uma enorme quantidade de fotos de imigrantes a cavalo, no estilo senhoril. Mais do que integração, o que houve foi a absorção de certos costumes do Rio Grande do Sul que lembravam aos colonos os atributos da nobreza europeia. Também para os imigrantes alemães a posse de um cavalo e de uma arma de fogo era algo inusitado: simbolizavam a liberdade alcançada no Brasil.

Portanto, entendemos que o sentimento de pertencimento a uma identidade entre os imigrantes e seus descendentes passou por dois processos. Primeiramente, surgiu como um mecanismo de autodefesa, embasado nas diferenças culturais com relação aos brasileiros. Posteriormente, houve uma assimilação de certos costumes locais que resultou em uma identidade própria assumida pelo grupo étnico.

CAPÍTULO II: RELATOS DE ITALIANOS SOBRE A CIDADE DE PELOTAS

Neste capítulo utilizaremos relatos de publicações italianas sobre a cidade de Pelotas. O primeiro relato aborda a visão de um cônsul italiano, Enrico Acton que estava radicado na cidade, entre os anos de 1889-91. Já o segundo, é do viajante italiano Vittorio Buccelli, que em 1905 foi contratado pelo Governo do Rio Grande do Sul para percorrer o Estado, com a finalidade de propagandear-lo na *Esposizione Internazionale di Milano*, em 1906.

Quanto ao registro feito por Vittorio Buccelli, por se tratar de um relato de viagem, Núncia Santoro de Constantino (2012, p. 8), lembra que “o uso de relatos de viajantes como fontes à História é antigo e de indiscutível importância. Em outras palavras, a literatura de viagem sempre serviu como fonte ao conhecimento histórico”. Por outro lado, o relatório elaborado por Enrico Acton, segundo Luiza Iotti (2001, p. 88) “expressa a visão de mundo da classe dirigente italiana” e que “os documentos produzidos pelas autoridades consulares materializaram, (...) o ponto de vista do Estado italiano a respeito da realidade existente à época em que foram escritos”.

Posteriormente, utilizaremos o Álbum do Cinquentenário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, publicado em 1925. Sobre o álbum, foi organizado por Mansueto Bernardi, de quem é o primeiro texto, seguindo apresentações do presidente do Estado do Rio Grande do Sul e do Ministro do Exterior da Itália, Benito Mussolini; além de se tratar de uma obra “financiada pelo governo italiano”, ela foi escrita em “estilo épico”.

Acreditamos que seja importante apontar alguns dados históricos sobre a cidade que será descrita pelas fontes acima citadas. A área de Pelotas era composta por duas grandes paisagens naturais: a serrana e a planície. A zona urbana estava localizada em uma planície entre o Canal São Gonçalo, o Arroio Pelotas e o Santa Bárbara. (VIEIRA; PERREIRA ;TONI, 1994)

Segundo o historiador Mario Osório Magalhães (1993, p. 25) “Dom João VI, por alvará de 07 de julho de 1812 erigiu uma nova freguesia⁷ colada no lugar denominado Pelotas (...) [que] receberia o nome de São Francisco de Paula”. Tal freguesia foi elevada à condição de vila, no ano de 1832 e finalmente à cidade em 1835. Magalhães (1993, p. 52) afirma que Pelotas “nos primeiros 35 anos do século XIX, transforma-se de incipiente povoação em próspera cidade”.

Segundo Anjos (2000, p. 39), o apogeu de Pelotas seria “o período compreendido entre 1860 e 1890, como sendo o que reuniu, ao mesmo tempo, boas condições econômico-urbanas e sócio-culturais”. Ainda sobre esse período de apogeu o autor (ANJOS, 2000, p. 56) comenta que:

Enriquecida pela indústria do charque, a cidade usufruiu das benesses que o dinheiro pode proporcionar. O contato com o mundo se dava, através do porto, de onde partiam navios carregados de charque para o Rio de Janeiro e Bahia, Europa e Estados Unidos, voltando cheios de novidades endereçadas a charqueadores e comerciantes.

2.1 Enrico Acton: a cidade vista por um vice-cônsul

A cidade de Pelotas teve um vice-consulado italiano, conforme demonstrado anteriormente. Segundo Luiza Iotti⁸ (2010, p.119) “Enrico Acton⁹ exerceu o cargo de vice-cônsul, de 15 de janeiro de 1889 a 1ª de fevereiro de 1891 (...) O único relatório publicado por Acton refere-se, especificamente, à cidade de Pelotas.” O relatório que Acton publicou conta com nove páginas e está dividido em três partes: a) cidade; b) comércio e c) colônia de Pelotas.

⁷ Segundo Mario Osório (1993), freguesia era o título dado a um povoado que possuía uma igreja paroquial

⁸ Agradecemos a historiadora Luiza Iotti por ter disponibilizado o relatório consular que foi utilizado para a elaboração do presente trabalho.

⁹ Segundo a historiadora Luiza Iotti (2001, p. 137-138) Enrico Acton, nasceu em Nápoles no dia 23 de julho de 1858, formou-se como bacharel em Direito pela Universidade de Nápoles (1881), e iniciou na carreira consular em 1882, passando pelos seguintes lugares: Alexandria (1882), Lyon (1884), Sofia (1885), Pelotas (1889), Porto Alegre (1891), Orã (1892), Buenos Aires (1895), Cairo (1896), Ismirna (1899), Galatzi (1906), Trieste (1908), Nice (1911). Faleceu na cidade de Nice em 22 de agosto de 1928.

Sobre a cidade, o cônsul italiano¹⁰ escreve sobre o nome, a origem e dados estatísticos, como por exemplo, que 39 mil habitantes residiam em Pelotas. Neste ponto, nos detemos na descrição que Acton (1890 p. 158-159) faz sobre a cidade de Pelotas:

Esteticamente a cidade é feia: construções pobres, alinhadas em fila, ladeando estradas longas, largas, desertas, mal calçadas, de aspecto monótono. Poucos edifícios públicos de nenhum valor artístico, raros jardins, mais que variedades realçam a tristeza do conjunto. Situada em uma imensa planície árida, cercada de areia, lagoas, águas estagnadas, a cidade como sujeito e os arredores como paisagem oferecem um quadro dos menos pitorescos que se possa imaginar.

Segundo Iotti (2010, p. 120) a descrição da cidade de Pelotas feita por Acton é “pouco lisonjeira daquela que era, à época, uma das principais cidades do estado.” No entanto, Acton (1890, p. 157) menciona o título pelo qual Pelotas era conhecida na época: *Princesa do Sule* quando refere que “nos últimos anos tornou-se a mais importante [cidade] da província do Rio Grande do Sul, depois da capital Porto Alegre”.

Na segunda parte do relatório, Acton aborda o comércio. Esta parte, está subdividida nos seguintes itens: a) meios de transportes; b) exportação e c) importação. Logo que começa falar sobre o comércio, Acton (1890, p.159) afirma que os produtos derivados das charqueadas, detém o principal posto de comércio e de exportação na cidade:

Pelotas tem importância comercial e ocupa o primeiro lugar na província do Rio Grande do Sul, rivalizando com os principais mercados de exportação do Império. E é essa importância não é muito pela localização geográfica, mas pelo desenvolvimento de certas indústrias especiais relacionadas com produtos de carne bovina.

Acton (1890, p. 162) ainda menciona que existem outras indústrias na cidade tais como de velas de sebo, sabão, chapéus de feltro, pasta, medicamentos, carruagens, tabaco, olarias, destilarias, cervejarias, etc. No que tange à importação, Acton (1890, p. 164-165) afirma que ela é quase nula; no entanto dá um parecer dos produtos que geralmente são importados e de que

¹⁰ A historiadora Clarícia Otto (2006, p. 2006), defende que tanto os agentes consulares quanto os cônsules são portadores de um projeto de propagação de uma italianidade oficial.

países são provenientes: “atualmente da Alemanha com produtos para a construção de moradias, França com os vinhos habituais e artigos de moda de luxo, Inglaterra e Estados Unidos, com artigos de utilidades domésticas e industriais”.

Prosseguindo na análise do relatório, Acton entra na terceira e última parte, a qual intitula Colônia Italiana¹¹. Acton começa apontando que a comunidade italiana em Pelotas é formada por mais de mil habitantes. Ressalta ainda que a comunidade na área citadina é composta por imigrantes que não vieram subvencionados pelas políticas do Império para o trabalho com a agricultura. Sobre este grupo, Acton (1890, p. 165) destaca que “compõe-se de indivíduos e famílias que chegaram na América em épocas diversas, em diferentes circunstâncias e que, depois de vários acontecimentos, ou nas repúblicas vizinhas ou no próprio império, fixaram-se em Pelotas”.

Ao descrever a comunidade italiana em Pelotas, Acton (1890, p. 165) utiliza de adjetivos tais como tranquila e laboriosa, bem como possuidora de um nobre sentimento patriótico:

A colônia de Pelotas é laboriosa e tranquila; pelas necessidades da vida vai se confundindo com o elemento indígena e aprende com facilidade a língua portuguesa; mas conserva nobríssimos sentimentos patrióticos, não esquecendo as ocasiões de comemorar a glória do nosso Risorgimento e recordando o encanto da terra mãe com a esperança de poder retornar.

Acton (1890, p. 166) ressalta que a condição econômica destes italianos não é muito bem-sucedida “em geral, de pouca sorte, mas cada profissão ganha apenas o suficiente para viver bem. Com muitas poucas exceções, ninguém aqui fica rico, embora muitas vezes possa acontecer que, alguém que tenha feito poupança, possa retornar à pátria com certa comodidade”. Ao finalizar o relatório, Enrico Acton menciona que existem italianos na área rural de Pelotas, sendo que estes estão radicados na Colônia Maciel e na Colônia Municipal e que totalizam cerca de cento e cinquenta famílias.

¹¹Luiza Iotti (2010, p. 119), quanto ao uso do termo *colônia italiana* lembra que “assim como as demais autoridades italianas, [Acton] emprega o termo *colônia* ao referir-se a comunidade de imigrantes existentes em Pelotas, numa clara demonstração da postura colonialista que o Estado italiano assume diante da emigração, após o período crispino.”

Através do relatório de Enrico Acton, podemos identificar a presença de uma sociedade italiana de mútuo-socorro, denominada *Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi* que prospera graças aos membros. Ainda segundo Acton, os membros desta sociedade possuem sentimentos de italianidade.

2.2 Vittorio Buccelli: o olhar de um viajante

Segundo Leonardo de Oliveira Conedera (2012, p. 102) “Vittorio Buccelli¹² foi um italiano contratado pelo Governo do Rio Grande do Sul para viajar pelo estado, recolhendo dados para compilar um livro que fizesse a propaganda de tal lugar na Esposizione Internazionale di Milano em 1906.” Tal viagem resultou no livro *Um viaggio a Rio Grande delSud*, uma obra composta por vinte e três capítulos, sendo que o último capítulo é destinado às cidades de Pelotas e Rio Grande.

Segundo Buccelli (1906, p. 371), “Pelotas é uma das mais belas cidades do estado do Rio Grande; é a segunda depois de Porto Alegre, é construída sobre um plano elevado e possui cerca de 35.000 mil habitantes.” Logo que chega na cidade, Vittorio, por recomendação, se hospeda no Hotel Aliança, de propriedade do senhor Gaetano Gotuzzo.

Ao falar sobre a cidade, diferentemente do que Enrico Acton havia escrito, Vittorio Buccelli (1906, p. 371) descreve que “o aspecto da cidade com suas estradas retas e simetricamente cruzadas nos faz a melhor impressão; se as casas fossem de cinco ou seis andares nos pareceria ver um bairro de Turim.” Sobre as praças locais, Buccelli (1906, p. 371-372) “são alegradas de magníficos jardins: a mais bela de todas nos pareceu aquela que leva por nome a data da proclamação da república – 15 de Novembro. Na cidade, Buccelli (1906, p. 372) visitou os seguintes locais:

¹² Vittorio Buccelli nasceu em 1861 na cidade de Setri Ponente (Gênova) e faleceu em 1929 na cidade de Nizza Monferrato (Piemonte). Atuou como deputado por três legislaturas e foi prefeito de Nizza Monferrato. (BENEDUZZI, 2015, p. 120)

a igreja matriz, o Clube do Comércio, o Clube Caxeiral (um belíssimo edifício de recente construção), a intendência municipal, a biblioteca, a Santa Casa de Misericórdia com sua capela interessantíssima, o mercado, a agência de telégrafo, o asilo de mendigos, o moinho pelotense, o liceu e os palacetes dos senhores Rosa, Moreira, Crespo, Assumpção, Antunes Maciel, Simões Lopes, Leopoldo Maciel e Fernandes da Rocha.

Sobre as construções, Vittorio Buccelli (1906, p.372) aponta que

Se nota em todas essas construções não um luxo excessivo ou grotesco, do qual se abusou em certos momentos de prosperidade inesperada em muitas cidades da América do Sul, mas uma decente sobriedade de cores, de ornatos e uma certa harmonia de linhas sem grandes audácias estéticas e estáticas e sem ostentação de uma riqueza que não existe.

No entanto, o que realmente Vittorio Buccelli (1906, p.372) gostaria de conhecer em Pelotas era uma charqueada, pois tratava-se da maior parte da produção local e da exportação do estado. Desta forma, acaba visitando a charqueada cujo proprietário era o senhor Pedro Luiz da Rocha Ozório e acaba descrevendo com ricos detalhes, a organização e o funcionamento dela.

Para finalizar, sobre os italianos em Pelotas, Buccelli (1906, 378) afirma que:

Os italianos têm em Pelotas uma posição que não é inferior àquela das outras nacionalidades. Conquistaram com o trabalho e a atividade constante a consideração pública e é uma prova a adesão de todos os cidadãos aos funerais de Humberto I, em 1900, feita pela colônia. Têm uma sociedade de beneficência florescente, que tem mesmo um edifício próprio, e em todas as circunstâncias buscam fazer honra ao nome e ao crédito da pátria distante.

Ao longo do capítulo, há uma variedade de ilustrações dos diversos lugares mencionados. Dentre as quais citamos: a estação ferroviária, o porto, o interior do Hotel Aliança, a Praça 15 de Novembro, o clube Caxeiral, a Igreja Matriz, o clube do Comércio, a Intendência Municipal, o Lyceu, o Posto de Telegrafo, a Santa Casa de Misericórdia e a Sociedade Italiana.

2.3 Pelotas nas Páginas do Álbum do *Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud*.

Em 1925 pela passagem do cinquentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul foi publicado um álbum comemorativo organizado pela Comissão dos Festejos do Cinquentenário e editado pela Editora Globo. O álbum está dividido em dois volumes e foi veiculado no idioma italiano.

O primeiro volume intitulado *A cooperação dos italianos ao progresso civil e econômico do Rio Grande do Sul*¹³. É composto pelos seguintes capítulos: Os italianos e a república do Piratini; A vida espiritual na colônia italiana do estado; Sacerdotes italianos que precederam a imigração; Obras de sacerdotes e congregações italianas no progresso religioso no desenvolvimento da arte, da educação e da assistência no estado; O colono italiano e a sua contribuição no desenvolvimento da indústria rio-grandense; A influência étnica, social e econômica da colonização italiana no Rio Grande do Sul; A influência italiana no movimento cultural do Rio Grande do Sul; Aspectos físicos do Rio Grande do Sul¹⁴; A possibilidade que o Rio Grande do Sul oferece à nova corrente imigratória italiana; por último apresenta um apêndice com informações dos núcleos coloniais.

O segundo volume, por sua vez, intitulado *Os municípios do estado e a indústria e comércio dos italianos e seus descendentes* é composto por capítulos que apresentam os seguintes municípios: Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Alfredo Chaves, Antônio Prado, Encantado, Guaporé, Nova Prata, Erechim, Passo Fundo, Cruz Alta, Júlio de Castilhos, Santa Maria da Boca do Monte, Bagé, Pelotas, Rio Grande, São José do Norte, São Lourenço, Santa Vitória do Palmar e Porto Alegre. Além de uma breve história dos municípios, cada capítulo apresenta dados estatísticos e empresas pertencentes a italianos ou descendentes.

¹³ Por se tratar de uma publicação na língua italiana, os subtítulos foram traduzidos pelo autor.

¹⁴ Este capítulo foi escrito pelo Doutor Ernesto Ronna, membro da sociedade italiana Unione e Philantrophia, da Cidade de Pelotas. Além de membro da referida sociedade, Ernesto Ronna será um dos organizadores do movimento fascista na cidade, conforme veremos adiante.

Especificamente sobre a cidade de Pelotas, no primeiro volume encontram-se duas referências. Primeiramente à Colônia Maciel no capítulo que aborda a vida espiritual nas colônias do estado:

Diversas famílias italianas, a maior parte trevisanos e vicentinos fundaram este núcleo colonial, hoje sede da paróquia do Padre Jacob Lorenzet, mas devido ao isolamento em que se encontram perderam quase inteiramente o uso da língua italiana. Seu número é superior a 120 famílias. (CINQUENTENÁRIO, 1925, v. 1, p. 124)

Já no capítulo que aborda as influências culturais dos Italianos:

A União e Filantropia de Pelotas têm um longo e honorável passado que a coloca entre as sociedades italianas de maior importância no estado. Fruto do espírito patriótico da nossa gente (italianos) mais humildes realizaram em Pelotas a construção de um edifício magnífico. (...) Esta entidade representativa desenvolve ações de mútua assistência, de beneficência e de solidariedade. (CINQUENTENÁRIO, 1925, v. 1, p. 392).

Mas o parágrafo final é que mais chama a atenção, pois em 1925 a ideologia fascista¹⁵ já tomava conta da Itália, tanto é que no álbum é relatado que, em Pelotas, alguns italianos e descendentes já estavam se organizando em um grupo fascista: “mas na colônia de Pelotas recentemente surgiu: o *fascio*, por iniciativa de um grupo de jovens sob orientação do Doutor Ernesto Ronna, que dedicam a causa da italianidade todo seu entusiasmo fervoroso. (CINQUENTENÁRIO, 1925, v. 1, p. 392)”

No segundo volume, dedicado à apresentação das cidades que receberam imigrantes italianos, no que tange à cidade de Pelotas, primeiramente são apresentados dados históricos, políticos, econômicos e administrativos, além de serem utilizadas imagens ilustrativas de prédios e de locais da cidade como: o Mercado Público, a Prefeitura e a Biblioteca; a Santa Casa de Misericórdia, os teatros Guarani e Sete de Abril, e a Praça Coronel Pedro Osório.

¹⁵Em *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*, a historiadora Loraine Slomp Giron, desenvolveu uma pesquisa sobre a organização e propagação do fascismo no nosso estado. Já no caso da cidade de Pelotas, conferir *O nazi-facismo nas páginas do Diário Popular: Pelotas 1923-1939* (CAETANO, 2014).

Sobre identidade étnica, no álbum diz que “as várias raças que concorreram para a formação da população do município, especialmente a italiana e a germânica, estão agora totalmente assimiladas e fundidas com a brasileira, formando uma nova raça e fazendo de Pelotas o tipo de cidade a mais brasileira de todo o Brasil” (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 288).

Sobre a potencialidade econômica, “a prosperidade da agricultura, o cultivo intensivo da terra e do desejo constante de progresso comercial, fizeram desta cidade um dos baluartes mais fortes para as finanças do Estado” (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 288). É apontado que circulam 6000 veículos de tração animal e 700 automóveis para uma população de 85 mil habitantes.

No que tange ao progresso material, Pelotas é apontada como “uma cidade que se consolida e aumenta, munida de serviços exemplares de água, drenagem, gás, luz elétrica, serviço de telefonia e bondes elétricos abreviando a distância e aproximando o centro dos populosos subúrbios.” (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 289).

A educação em Pelotas era composta por estabelecimentos de ensino superior, secundário e elementar. De tal forma, Pelotas ficava entre as poucas cidades do Brasil que cuidavam da “educação popular” em todos os seus graus. (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 291).

Mais adiante, o texto apresenta como se dará este futuro brilhante que está associado entre a comunidade italiana e brasileira

Um futuro de grandeza econômico-civil sorri para a bela “Princesa do Sul” – a Pelotas elegante e evoluída cidade que é exemplo e orgulho para o Rio Grande do Sul através da modernidade do seu aspecto urbano, para a vida de trabalho febril que se expande de suas oficinas, a partir dos seus campos, de suas estradas e seu porto, da criatividade de seus profissionais, da intelectualidade de seus cientistas, da genialidade de seus literatos e artistas. (...) Essa cooperação ítalo-brasileira em que o progresso acelerador de Pelotas, encerra a promessa de mais belo e significativo da solidariedade indestrutível de corações, mentes e braços que ligam italianos e brasileiros em uma família, de uma única ambição e um carinho idêntico. (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 292)

A partir de levantamento realizado no álbum, a tabela (IV) abaixo apresenta atividades comerciais e fabris existente em Pelotas no ano de 1920:

Tabela IV: Atividades Comerciais e Fabris – Pelotas (1920)

Fábricas de Tabaco	8
Refinarias de Açúcar	2
Fábricas de Móveis	2
Fábricas de Cerveja	2
Fábricas de chapéus	2
Fábricas de Café	4
Curtumes	38
Charqueadas	6
Moinhos	28
Fábricas de massas	2
Fábrica de fogos de artifícios	1
Fábrica de tecidos	1
Estaleiros	2
Fábricas de conservas	22
Fábricas de velas e sabão	10
Fábricas de cerâmica	24
Fábrica de Vidros	1
Fábrica de gelo e gasosa	1
Fábricas de biscoitos	2
Fábricas de veículos	15
Fábricas de Cola	2
Vinícolas	3
Padarias	24
Fábricas de Malas	2
Fábricas de vassouras, escovas e espanadores	8
Fábricas de móveis de vime	5
Fábrica de Louça de barro	1
Fábricas de medicamentos	3
Alfaiatarias	45
Barbearias	72
Sapatarias	45
Fotografias	3
Carpintarias	63
Metalurgias	16
Serralherias	3
Tanoarias	4
Relojoarias	16
Marmorarias	3
Tinturarias	5
Borracharias	14
Ferrarias	80
Tipografias	9
Olarias	5
Estofarias	24
Oficinas Mecânicas	17
Gabinetes Dentários	30

Casas de Modas	9
Escultores	4

(CINQUENTENARIO, 1925, v. 2 p.294)

Posteriormente ao fazer um panorama dos principais empreendedores italianos em Pelotas as lojas de:

- a) Viúva Caringi& Filhos: Nicola Caringi proveniente de Avelino, em 1896 fundou uma modesta chapelaria, após a morte, a viúva e os filhos assumem a direção da *Casa Caringi*, situada na rua XV de novembro, 561. (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 303)
- b) Raffaele Mazza proveniente da cidade de Tore del Greco, província de Nápoles, chegou ao Brasil em 1898. Em 1907 fundou *Bazar da Moda* situado na rua 15 de Novembro, 557. (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 298)

No ramo de importação e exportação os empreendimentos de

- a) Luiz Lorèa&Povoleri: Lorèa proveniente de Borgomanero, província de Novara, radicou-se em Pelotas e Povoleri proveniente de Vicenza radicou-se em Rio Grande. Fundaram em 1922 um empresa de exportação e importação. (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 304-305)
- b) A.Bertoni& CIA Ltda; nasceu em Novara, na província de Piemonte; fundou a empresa A. Bertoni& Cia em 1918. A empresa atua em dois ramos: na exportação de lã e couro e na parte da indústria, atua na preparação de ossos e chifre bovinos para a fabricação de pentes e botões. (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 296-297)

No ramo fabril

- a) Fábrica de vidros de J.M. Franfrim; nasceu em Rovigo, província do Vêneto; chegou no Brasil em 1891, e começou a trabalhar na fábrica *Princesa do Sul*, tornou-se sócio e posteriormente diretor proprietário da fábrica que está situada na Avenida 20 de Setembro, 336-342.(CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 302)
- b) Fábrica de chapéus de Achille Bertoli proveniente de Gallicano, província de Massa Carrara. Em 1914 instalou na rua 15 de Novembro, 607 uma loja de artigo de moda, mas a principal

atividade era a confecção de chapéis femininos.
(CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 303)

No ramo da alfaiataria:

- a) Nicola Caputo nasceu em Nemore, na província de Potenza; fundou em 1887a Alfaiataria Caputo que está situada na Rua Andrades Neves, 612. (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 295)
- b) Rocco Filippo: proveniente de Acri, província de Cosenza, em 1907 inaugurou a *Alfaiataria Americana* que está situada na rua 7 de setembro, 302. (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 300-301)
- c) Miguel Mozzilo: proveniente de Sagri, província de Salerno, chegou no Brasil em 1913. Em 1920 abriu uma alfaiataria na rua 15 de Novembro, 609. (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 303)
- d) Caetano Sollazzo: filho de imigrantes provenientes de Diamante, na província de Cosenza, em 1904 abriu a alfaiataria. (CINQUANTENARIO, 1925, v. 2, p. 306)

No ramo da marcenaria:

- a) Pierino Mariani: Proveniente de Monza, chegou no Brasil em 1892. Proprietário da marcenaria *Ao Novo Mundo*, situada na rua 7 de setembro, 351. (CINQUANTENÁRIO, 1925, v. 2, p. 299)

O Álbum do Cinquentenário da Colonização italiana no Rio Grande do Sul mostrou-se de grande importância durante a pesquisa. A publicação comemorativa, além de apresentar dados históricos e econômicos da cidade de pelotas, ajudou também na compreensão das contribuições da comunidade italiana nos primeiros anos da década de 1920.

CAPÍTULO III: A PRESENÇA DE ITALIANOS EM PELOTAS: A ITALIANIDADE ATRAVÉS DAS SOCIEDADES ITALIANAS

Neste capítulo abordaremos a presença de italianos em Pelotas no período de 1870 a 1925, nas mais diversas áreas, dentre as quais destacamos a experiência associativa, pois esta desempenhou um papel importante para a formação de uma italianidade na cidade de Pelotas.

As fontes utilizadas para a elaboração deste capítulo foram consultadas no Centro de Documentação de Obras Valiosas da Biblioteca Pública Pelotense (CDOV/BPP) e na sede da Associação Cultural Italiana Pelotense (ACIP). Na pesquisa realizada no CDOV/BPP foram consultados os periódicos: *Correio Mercantil*, *Diário de Pelotas*, *Echo do Sul* e o *Livro de Não Naturalização*. Já da pesquisa realizada na ACIP, utilizaremos as fichas dos sócios da *Società Italiane Reunite*.

Sendo assim, na primeira parte deste capítulo, serão elencadas e apresentadas as diversas sociedades italianas que existiram em Pelotas. Posteriormente apresentaremos o resultado a partir do trabalho realizado com o *Livro de Não Naturalização*.

No entanto, antes de abordarmos os resultados relativos às sociedades e à questão de identidade destes italianos, é necessário traçarmos um rápido perfil da comunidade italiana em Pelotas.

A presença de italianos na área urbana de Pelotas é anterior ao ano de 1875. Desde a década de 1830, era possível encontrar italianos vivendo na cidade. A historiadora Luciana Peixoto(2003), constatou que no *Livro de Sócios do Teatro Sete de Abril*, um ano após sua fundação, no mês de Dezembro de 1834 constavam dois nomes italianos na lista dos sócios: Constantina Gravani e Lourenço Fontani.

Outro estudo sobre a presença de italianos na cidade de Pelotas, anterior à década de 1870, foi o do historiador Marcos Hallal dos Anjos (2000, p.81) que, ao analisar os registros de internação na Santa Casa de Misericórdia

de Pelotas, constatou a seguinte nacionalidade dos pacientes no período compreendido entre 1850-1875: 1888 portugueses, 408 alemães, 162 espanhóis, 162 franceses e 87 italianos. Ou seja, através dos dados obtidos podemos ter a compreensão de que antes de 1875, mesmo em uma escala menor, Pelotas possuía um número significativo de italianos.

Já ao analisar os registros de internações da Santa Casa de Misericórdia no período de 1876 a 1900, constatou a seguinte nacionalidade dos pacientes, conforme a tabela (V) abaixo:

Tabela V: Registros de Internação da Santa Casa de Misericórdia (1876/1900)

Nacionalidade	1876-1900
Portugueses	2151
Italianos	1036
Alemães	698
Uruguaios	613
Espanhóis	473
Franceses	403

(Fonte: ANJOS, 2000, p. 81)

Para Hallal, a Santa Casa de Misericórdia passou a receber um expressivo grupo de pacientes italianos, justamente no período 1876-1900, devido ao fato de que o Rio Grande do Sul estava recebendo um grande surtoimigratório. O autor (ANJOS, 200, p. 82) ainda conclui que o “italiano, dentre os estrangeiros não portugueses, [tornou-se] o elemento preponderante na zona urbana de pelotas.”

Para reforçar tal conclusão, o autor (ANJOS, 2000, p. 83) apresenta dados de imigrantes residentes na zona urbana de Pelotas, a partir do recenseamento realizado no ano de 1899, conforme a tabela (VI)

Tabela VI: Recenseamento urbano de 1899

Italiano	654
Uruguaio	482
Espanhol	457
Alemão	291
Total de imigrantes	1884

(Fonte: ANJOS, 2000, p. 83)

Segundo o mesmo autor (ANJOS, 2000, p. 84), em 1899, Pelotas contava com 654 italianos que residiam na zona urbana. Ao buscar a localização destes imigrantes, através das ruas¹⁶ele constatou que “nas ruas mais representativas da ‘urbanidade de Pelotas’, por serem o coração da cidade no aspecto econômico-social” havia trezentos e cinquenta e dois italianos, no total de 1909 recenseados.

Ângela Beatriz Pomatti (2011, p. 39), ao pesquisar sobre doenças e práticas de cura entre a comunidade italiana de Pelotas, entre os anos de 1890 a 1930, ressalta que, de forma geral, “os estrangeiros participaram de forma muito marcada do ambiente urbano da cidade de Pelotas (...) dentre esses, se encontravam os italianos”, através de profissões consideradas urbanas, tais como profissionais liberais, arquitetos, artistas, comerciantes e empresários. Contribuíram para a arquitetura de Pelotas, segundo Pomatti (2011, p. 40), “os arquitetos José Izella Merote e Guilherme Marcucci”.

Carlos Alberto Ávila Santos (2014, p. 61-79) lista outros construtores e artífices italianos que se destacaram entre 1870-1931 no Rio Grande do Sul. Especificamente na cidade de Pelotas, além de José Isella e Guilherme Marcucci lista os seguintes nomes: Davi e Carlos Zanotta, Caetano Casaretto e Sebastião Obino.

No campo musical, segundo Anjos(2000, p. 142), destacaram-se: Roberto Stella (violino), Rufino Biadola (piano e canto), Edoardo Finardi (piano), Salvatore Riso¹⁷ (piano e canto), Eduardo Cavalcanti (violino e bandolim) e Luigi Garbini¹⁸ (canto). Já no campo das artes plásticas, segundo Marcos Hallal (ANJOS, 2000, p.145-150) destaca-se Frederico Trebbi e Giovanni Falconi; o primeiro “em 1870, chegou a Pelotas”, enquanto o segundo, “encontrava-se em Pelotas no ano de 1887”.

¹⁶Marcos Hallal dos Anjos elencou as seguintes ruas, como sendo o *coração urbano* da cidade: Gonçalves Chaves, Felix da Cunha, Anchieta, XV de Novembro, Andrade Neves, General Osório, Marechal Deodoro, Santa Tecla e Santos Dumont. Nestas ruas residiam portugueses (913), uruguaios (212), espanhóis (195), alemães (123) e franceses (114)

¹⁷Salvatore Riso era maestro do *Club Beethoven* e a partir de 1900 atuou no *Diário Popular* como crítico musical. (ANJOS, 2000, p. 142)

¹⁸Luigi Garbini atuou na formação da *Sociedade Choral Italiana*, atuou como professor na escola das *Sociedades Reunidas* e foi presidente da *Sociedade Italiana 20 de setembro*. (ANJOS, 2000, p. 143)

Ainda sobre a presença italiana em Pelotas, Marcos Hallal dos Anjos (2000, p. 156), destaca que, na imprensa, existiram dois jornais italianos¹⁹, “O Echo da Colônia Italiana, em 1886 e o Il Venti Settembre, em 1883”. Sobre o segundo jornal, Marcos Hallal diz que Carlos Cantaluppi era o proprietário.

O jornal Il Venti Settembre, segundo pesquisa realizada por Ernesto Ronna publicada no Álbum do Centenário da Imigração Italiana (1875-1975), os donos eram Carlos Cantaluppi e Luigi Bianchi, no entanto o redator principal era Carlos Cantaluppi e que era um “periódico instrutivo semanal e um órgão dos interesses da colônia italiana”, além de ser considerado como um órgão “noticioso e literário”. A sede do jornal estava localizada na Rua Andrades Neves – 168; a publicação era dominical; a impressão era feita pela tipografia do Diário de Pelotas; possuía seis páginas com três colunas.

No cabeçalho do Il Venti Settembre encontram-se dois indícios de que o jornal era um mecanismo propagador de uma identidade étnica. Tais indícios estão fundamentados nos dois lemas que eram escritos em italianos, mas que aqui apresentamos traduzidos de forma literal. O primeiro dizia: “Este é o som de Dante! A linguagem da discórdia nunca mais se fala. Italianos são todos irmãos. A Itália uma só cidade.”²⁰ Já o segundo mencionava: “O amor e orgulho nacional, não nos pressionam a desprezar os outros povos.”²¹

Outro campo que houve expressiva participação da comunidade italiana foi na rede hoteleira da cidade de Pelotas. Segundo Anjos (2000, p. 119) “funcionavam em Pelotas, no mínimo, cinco hotéis pertencentes a italianos: o Hotel Aliança, o Hotel Garibaldi, o Hotel ‘Brazil’, o Hotel Piemonte e o Hotel Itália”. Através do trabalho realizado por Dalila Müller, podemos ter mais algumas informações sobre tais estabelecimentos, através da tabela (VII) abaixo elencada:

¹⁹Sobre jornais italianos, Angelo Trento, em *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração Italiana no Brasil*, possui um apêndice com os nomes dos jornais em língua italiana, publicados no Brasil. No que tange à cidade de Pelotas, Trento só elenca o Il Venti Settembre.

²⁰ “Ove suona di Dante! Il linguaggio di discórdia mai piu si favelli. Italiani siam tutti Fratelli. L’Italia una sola citta.”

²¹ “L’amore e l’orgoglio nazionale non ci spinga a spregiare gli altri popoli!”

Tabela VII: Hotéis Italianos em Pelotas

Hotel	Período de Funcionamento	Proprietário
Hotel Aliança	1843-1968	Pratti e Gotuzzo
Hotel Garibaldi	1861-1912	Pedro Luiz Gotuzzo
Hotel Brazil	1878-1936	Antônio Scotto
Hotel Italia	1883-1884	Emílio Tonetti
Hotel Piemonte	1886-1902	Francisco Gigante

(MÜLLER, 2004)

Através deste pequeno contexto da participação de italianos em Pelotas, podemos continuar com o objetivo principal deste capítulo que é a de apresentar as sociedades italianas bem como a questão da identidade, a partir da Constituição de 1889.

3.1 As Sociedades Italianas em Pelotas

Segundo Beatriz Ana Loner (2001, p. 448), ao longo do último quartel do Século XIX e as primeiras duas décadas do Século XX existiram em Pelotas as seguintes sociedades italianas: *Unione e Philantropia*, *Circolo Italiano Garibaldi*, *Sociedade Italiana de Socorros Mútuos Cristoforo Colombo e Dante Alighieri*. Tais entidades tiveram uma “existência tumultuada”. No entanto, por dois momentos distintos, as sociedades se fundiram, resultando em duas organizações: *Sociedades Italianas Reunidas União e Philantropia e Circolo Italiano Garibaldi (1885)* e *Unione e Benevolenza (1899)*, sendo que a última teve uma existência efêmera.

Já Marcos Halal dos Anjos (2001, p. 128), constatou a presença das seguintes sociedades italianas: *Unione e Philantropia (1873)*, *Unione e Philantropia – dissidentes (1877)*, *Sociedade de Socorros Mútuos Circolo Garibaldi (1883)*, *Sociedades Italianas Reunidas Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi (1885)*, *Sociedade 20 de setembro (1891)*, *Sociedade de Socorros Mútuos Cristoforo Colombo (1892)*, *Sociedade Unione e Benevolenza (1899)*.

Sobre a organização de sociedades italianas, Núncia Santoro de Constantino (1991, p. 35) determina que o período e a localização das primeiras sociedades foram “a partir dos primeiros anos da década de 1870 (...) nos núcleos urbanos da Fronteira”. As sociedades, segundo a autora, surgiram nas cidades de “Uruguaiana, Quaraí, Alegrete, Santana do Livramento, Jaguarão e Santa Vitória do Palmar.”

Paulo Possamai (2005, p. 93) ao discorrer sobre as sociedades italianas no Rio Grande do Sul, lembra que:

Algumas delas mantinham vínculo com o governo italiano, através do consulado; outras, com a maçonaria ou com a Igreja. Quanto aos objetivos, algumas dessas associações eram sociedades recreativo-culturais, ao passo que outras eram sociedades de mútuos-socorros. As sociedades que mais se destacaram foram as formadas pela burguesia, ainda que os pequenos proprietários e os operários também houvessem criado algumas associações do gênero.

A historiadora Tânia Regina de Luca (1990, p. 383), ao trabalhar com as sociedades de mútuos socorros de italianos radicados em São Paulo menciona que tais entidades funcionavam “mediante contribuições mensais”. Estas contribuições possibilitavam, aos seus associados, “tratamento médico, auxílio à doentes, velhos, inválidos e viúvas, auxílio funeral e também proporcionavam lazer e instrução”. Para a historiadora Loraine SlompGiron (1994, p. 46) a organização de sociedades “foi uma forma de reação dos imigrantes, contra o abandono ao qual estavam submetidos”. No caso específico da cidade de Pelotas, acreditamos que os mesmos motivos elencados pelas autoras podem ser utilizados.

Sobre os nomes das sociedades, Possamai (2005, p. 95) afirma que “geralmente levavam o nome de algum herói italiano ou de algum membro da Casa Real da Itália”. Para POSSAMAI (2005, p. 97) tais sociedades exerceram dois papéis importantes: “além, da manutenção dos vínculos com a Itália, através das celebrações das datas nacionais do reino unificado, as sociedades italianas contribuíram para estimular e manter o sentimento de italianidade.”

A primeira sociedade italiana fundada na cidade de Pelotas foi a *Unione e Philantropia*, criada nas dependências do Hotel Aliança, que era propriedade

de italianos, no dia 1º de outubro de 1873. (ANJOS, 2000, p. 131). Através dos donos do hotel, Santiago Pratti e Gaetano Gotuzzo, com a participação de outros italianos, organizou-se a primeira sociedade italiana.

Conforme Anjos (1995, p. 47), a diretoria da *Unione e Philantropia* para o ano de 1874 ficou composta da seguinte maneira: “presidente: Santiago Pratti; Vice: Pascoal Falche; Tesoureiro: Jeronymo Canevaro; Secretário: Gaetano Gotuzzo; Adjunto: Lazzaro Machiavelli; Diretores: Luigi Mazzana; Giuseppe Frattini, Frederico Repetto, Luigi Gotuzzo e Domingos Viggiano”. Já a diretoria para o ano de 1875, conforme o jornal *Correio Mercantil* de 11 de janeiro, seria composta pelos seguintes sócios: “presidente: Santiago Pratti; Vice: Guilherme Marcucci; Tesoureiro: Carlos Zanotta; Secretário: Gaetano Gotuzzo; Adjunto: Lazzaro Machiavelli; Diretores: Luigi Mazzana; Giuseppe Frattini, Frederico Repetto, Luigi Gotuzzo e Domingos Viggiano”; nota-se que, em comparação com a diretoria do ano de 1874 só houve mudança de nome no cargo de vice-presidente e tesoureiro.

Dentre as atividades realizadas pela sociedade italiana, no ano de 1875, o *Jornal do Comércio* de 15 de setembro noticiava que:

A distinta sociedade italiana em sua sessão de Domingo, conferiu títulos de membros honorários aos hábeis facultativos senhores doutores Miguel Rodrigues Barcellos e Gama Lobo e a distinto farmacêutico Sr. Francisco Gomes de Araújo Góes, aos dois primeiros pelos serviços médicos prestados generosamente à colônia italiana nesta cidade, e ao terceiro pela humanitária oferta de fornecer, gratuitamente os medicamentos necessários a mesma sociedade. (*Jornal do Comércio*, 15/09/1875)

O ano de 1875 não foi calmo para os membros da *Unione e Philantropia*. Na reunião de 12 de setembro, três sócios da sociedade italiana foram expulsos, tal informação foi constatada, conforme o *Jornal do Comércio* de 09 de outubro de 1875, em que o sócio Felige Russano mandou publicar uma carta falando sobre o ocorrido:

O abaixo assinado, Felige Rusano, membro desta sociedade, soube com grande pesar que na sessão de 12 do mês próximo passado, foram expulsos de nossa grandiosa e beneficente associação os nossos consócios, patriotas e bem conceituados Sr. Jeronymo Canevaro, Pascoal Falche e Vicente Gentilini. Este ato é tão revoltante, indignou de tal maneira os demais sócios, que, sem uma reparação ou apeamento, da cadeira presidencial, que se acha rodeada de estultos adúladores, a nossa querida instituição terá

irremediavelmente de cai, porque nenhum sócio de bom senso se sujeita as asneiras feitas e exercidas por meia dúzia de analfabetos que só sabem cortar capim na chácara e mexer as couves na panela (*Jornal do Comércio*, 09/10/1875).

No dia 13 de outubro, respondendo à carta de Felige Rusano, Angelo Taddei manda publicar no mesmo jornal:

Eis a verdade: - tendo os Srs. Gentilini, Canevaro e Falche se portando mal, ou antes, pessimamente, com os sócios da dita sociedade, particularmente para com seu presidente, entendem a maioria dos sócios que deveriam ser expulsos os mesmos senhores. (...) tudo por só darem ouvidos à mais sórdida das paixões – A INVEJA.

Ou seja, o motivo pela expulsão dos membros está associado, diretamente, à disputas internas. A diretoria eleita para o ano de 1875 seria novamente eleita para o ano de 1876.

Em 20 de setembro de 1876, os sócios da *Unione e Philantropia* (primitiva) organizaram um jantar comemorativo ao sexto ano da Unificação Italiana²², conforme nota publicada pelo *Jornal Diário de Pelotas*:

Por iniciativa do prestante e humanitário cidadão italiano, Santiago Pratti, foi ontem festejado condignamente o 6º aniversário da entrada do destemido exército italiano na cidade de Roma. Alguns carros conduzindo diversas famílias e cidadãos italianos, seguiram para fora da cidade, onde houve um esplêndido jantar, no qual trocaram-se amistosas saudações e foram com entusiasmo também saudados os valentes soldados da liberdade italiana: Garibaldi, Cavour, Victor Emanuel e a nobre e heróica nação italiana. A excelente banda de música da companhia do Sr. Albano Pereira abrilhantou a esse fraternal festejo, que muita honra dá ao seu nobre e digno iniciador, o benemérito Sr. Santiago Pratti. (*Diário de Pelotas*, 21/09/1876)

Santiago Pratti é mencionado como “cidadão italiano”, “humanitário” e “benemérito”. É retratado desta forma, pois foi presidente, desde 1874 até 1877 da *Unione e Philantropia*, por isso, foi agraciado com o título de sócio benemérito da entidade. (*Correio Mercantil*, 04/07/1876)

²²Leva-se em conta como o final do processo da Unificação Italiana, a data da conquista e proclamação de Roma como capital da Itália em 20 de setembro de 1870. Já que, em 1861 simplesmente ocorreu a proclamação do rei Vitorio Emanuel como Rei do Reino da Itália, e o Vêneto só seria anexado ao novo reino em 1866.

Após a ruptura entre os membros da *Unione e Philantropia*, Marcos Hallal dos Anjos (1995, p. 46) narra que os sócios Vicente Gentilini, Pascoal Falche e Jeronymo Canevaro organizaram uma nova entidade, mas “que se identificava como Sociedade *Unione e Philantropia (dissidentes)*”. Tal sociedade, somente será registrada em 04 de maio de 1877, sendo aprovada pelo Governo provincial e pelo Cônsul Geral da Itália. (*Correio Mercantil*, 18 de maio de 1877).

A sociedade presidida por Pascoal Falche remeteu a Giuseppe Garibaldi, o estatuto da nova sociedade. Conforme o jornal *Diário de Pelotas*:

A Sociedade Unione e Filantropia da qual é presidente o Sr Pascoal Falche recebeu do valente general José Garibaldi uma das maiores glórias da Itália a seguinte carta, que com prazer damos ingresso em nosso jornal “ A Sociedade Unione e Filantropia: Pelotas: Meus caros amigos-eu admiro com toda a minha alma a filantrópica vossa associação. Vos agradeço, assim como dos estatutos que lerei com interesse e serei eternamente vosso G Garibaldi Caprera , 24 de Outubro de 1876.” (Diário de Pelotas, 05/12/1876)

Conforme Anjos (2000, p. 132), a *Unione e Philantropia (dissidentes)* comprou “em 17 de agosto de 1877, um terreno, situado à rua 16 de Julho (atual Cassiano), próximo à Santa Casa de Misericórdia, com 47 palmos de frente por 148 de fundos”. Neste terreno, os sócios pretendiam construir a sede da sociedade.

As convocações para reuniões e assembleias gerais da referida sociedade eram publicadas, em língua italiana, nos jornais de Pelotas. Através de pesquisa realizada no jornal *Diário de Pelotas*, conforme a notícia do dia 14 de setembro de 1877:

Assembléia geral extraordinária. Domingo, 16 do corrente às 2 horas. Sob Presidência do vice-presidente, senhor Giacomo Berutti. São convocados todos os sócios para comparecerem a esta sessão para tratarem de assuntos de urgente interesse. Pelotas, 13 de setembro de 1877. Giuseppe Antonio Cafaro, vice-secretário. (*Diário de Pelotas*, 14/09/1877)

Provavelmente o assunto tratado nesta reunião foram as comemorações do 20 de setembro²³. É possível afirmar isso, pois no dia 21 de setembro o *Diário de Pelotas*, noticiava a seguinte matéria:

Ontem às 8 horas da manhã, realizou-se a cerimônia da colocação da pedra fundamental, para o novo edifício que vai construir a sociedade italiana Unione e Philantropia, da qual é presidente o senhor Paschoal Falche. O terreno²⁴ é situado na Rua 16 de julho, quadra entre as da Paysandu e Marques de Caxias, com 10 m, 34cm de frente e 33 metros de fundo. O ilustre senhor Comendador Doutor Rodriues Barcellos, sócio bem feito daquela sociedade, colocou a pedra, e após proferiu algumas palavras relativas ao ato, finalizando com vivas à nação italiana, à sociedade Unione e Philantrophia e aos sócios dessa humanitária sociedade. A sociedade executou por essa ocasião o hino nacional e uma girândola de foguetes subiu ao ar. A cerimônia da benção da pedra fundamental foi efetuada pelo Reverendo Padre Catalan²⁵. O senhor Jeronymo Canevaro, levantou vivas à nação brasileira, ao brioso povo pelotense e ao filantrópico médico Barcellos, os quais foram com entusiasmo correspondidos; executando a bando de músicas o hino italiano. Além dos sócios da Unione, compareceram os representantes da imprensa e muito povo. À Sociedade Unione e Philantrophia, desejamos muitas prosperidades. (*Diário de Pelotas*, 21/09/1877).

Antes do final do ano de 1877, o jornal *Diário de Pelotas* publicou outra convocação para os sócios da *Unione e Philantrophia*. A convocação foi feita para que houvesse eleições para a nova diretoria da sociedade:

Convocação para Assembleia Geral dos sócios, no domingo, 30 do corrente. Será tratada na reunião, a eleição do conselho deliberativo para o ano de 1878 e outros assuntos de urgente interesse. A reunião ocorrerá no local de costume às 2 horas. O secretário Serafino Corso. (*Diário de Pelotas*, 28/12/1877)

Conforme notícia do jornal *Correio Mercantil* de 03 de janeiro de 1878, a diretoria da *Unione e Philantropia* para o ano de 1878 seria composta da seguinte maneira:

Presidente: Frederico Alberto Trebbi; Vice: Francesco Fusaro, Tesoureiro: Vincenzo Torre; Secretário: Emiddio Falche; Vice: Michele Marrico; Conselheiros: Giacomo Berutti, Gerolano Canevaro, Vincenzo

²³A data escolhida pela sociedade, 20 de setembro, era uma das datas de maior celebração para a comunidade italiana, como vimos anteriormente, quando Paulo Possamai (2005) fala das finalidades das sociedades.

²⁴A localização correta do terreno é na rua Dr. Cassiano, entre as ruas Barrão de Santa Tecla e Santos Dumont.

²⁵ Possivelmente, o jornal esteja se referindo ao padre italiano, Caetano Catalano, que era coadjutor em Rio Grande, além de ser divulgador das ideias abolicionistas. (RUBERT, 1977, p. 114)

Gentilini, Stefano Fiori, Federico Gelli, Serafino Corso, Francesco Berutti, Giacomo Berta, Francesco Fiori, Domenico Saurini, Antonio Caffaro e Federico Crillo (*Correio Mercantil*, 03/01/1878)

Já a diretoria da sociedade eleita para o ano de 1879, noticiada pelo *Correio Mercantil*, seria composta da seguinte maneira

Presidente: Frederico Alberto Trebbi; Vice: Giacomo Berutti; Tesoureiro: Gerolamo Canevaro; Secretário: Michelle Marico; Vice: Giuseppe Antonio Caffaro; Conselheiros: Domenico Saurini, Francesco Fiori, Francesco Berutti, Eugenio Lombardi; Giacomo Berta e Caetano Apostolico (*Correio Mercantil*, 31/12/1878)

Até os primeiros anos da década de 1880, a *Unione e Philantrophia* (dissidentes) foi a única sociedade italiana na cidade de Pelotas. Conforme Anjos (2000, p. 133), no dia “três de junho de 1883, (...) a inauguração da ‘Sociedade de Beneficência e Instrução Circolo Garibaldi’, localizada na Rua Andrade Neves, com o objetivo de “cultivar o espírito de seus membros por meio de leituras e conversações literárias e estabelecer um fundo de socorro para auxiliar os sócios enfermos”.

O jornal *Correio Mercantil*, já noticiava na véspera da fundação da *Sociedade de Beneficência e Instrução Circolo Garibaldi* como era composta a diretoria:

Acaba de fundar-se nesta cidade uma Associação Beneficente de instrução: presidente Luigi Bianchi, vice-presidente Inocencio Rodella, tesoureiro Stefano Fiori, secretário Giovanni Mignoni, vice-secretário Agostinho Cariello, conselheiros Rodolfo Astolfo, Santiago Bertha, Francisco Prophetti, Amado Ceres, suplentes Guiseppe Laboranti, Felice Viola, diretores da sala Emilio Gindici, agradecemos o convite que nos foi feito aplaudimos sinceramente o procedimento digno e nobre da ilustre colônia Italiana (*Correio Mercantil*, 02/06/1883)

No dia 05 de junho de 1883, o jornal *Correio Mercantil* publicou uma nota falando sobre a inauguração da nova sociedade italiana na cidade, “houve banda tocando o hino italiano e foi hasteada a bandeira italiana. Entre os presentes, falaram: Luigi Bianchi, Innocencio Redella, Giovanni Mignoni, Agostinho Carielli e o padre Catalano. (...) Após, ergueram também vivas ao Imperador e à nação brasileira.”

No entanto, conforme Anjos (2000, p. 133), “tal sociedade pouco tempo durou de forma independente”. Ainda segundo o autor, no ano de 1885 houve um processo de unificação entre as sociedades italianas na cidade de Pelotas. De tal forma que “em 18 de outubro de 1885, [formou-se] uma só, chamada *Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas*”.

Com a fusão das duas sociedades, em 25 de outubro de 1885, uma diretoria provisória ficou estabelecida composta da seguinte maneira: “presidente: Alberto Vignolo; secretário: Agostinho Chiarello, tesoureiro: Francisco Fusaro e conselheiros: Giacomo Berta e Stefano Fiori” (*Correio Mercantil*, 27/10/1885). Esta diretoria provisória foi substituída no início de 1886.

Conforme notícia do *Correio Mercantil*, a nova diretoria da *Sociedade Italiana Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas* foi composta da seguinte maneira:

Presidente: Guilherme Marcucci; Vice: Francisco Fusaro; 1º Secretário: Agostino Chiarello; 2º Secretário: Giuseppe Petrucci; Tesoureiro: Stefano Fiori; Conselheiros: Salvatore Sicca; Pietro Garbaccio; Giacomo Berta; Carmine Chiacchio, Raffaele Mastursi e Francesco Berutti; Diretor de Sala: Vicenzodi Benedetti. (*Correio Mercantil*, 05/01/1886)

Durante os anos de 1886 a 1892, a *Sociedade Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas* foi a única representante da comunidade italiana em Pelotas. Para Anjos (2000, p. 134) “patrocinadora de quase todos os eventos relacionados ao intercâmbio cultural entre italianos e a comunidade pelotense em geral, tornou-se parte integrante do afã diário da cidade que cresce”.

Em março de ano de 1886, houve uma convocação dos sócios da *Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas*. Conforme convocação publicada no jornal *Correio Mercantil*: “o presidente, convoca todos os sócios para assembleia geral extraordinária que ocorrerá no próximo domingo a 1 da tarde”; a convocação foi assinada pelo 2º secretário, o senhor Giuseppe Petrucci (*Correio Mercantil*, 10/03/1886).

O jornal *Correio Mercantil*, após a reunião, publicou a ata. Desta forma, foi possível identificar o assunto, bem como a localização da sede da sociedade, na Rua São Miguel, 209 (atual XV de Novembro):

A 1 hora da tarde de Domingo , no prédio sito à rua S Miguel numero 209 reuniram se em sessão extraordinária os sócios do Circulo Italiano Garibaldi e da Soc. Unione e Filantropia. Depois de assentadas e votadas diversas medidas de interesse para sociedade, foi resolvido que fosse remetido um ofício à câmara municipal pedindo-lhe que designasse o lugar onde definitivamente deve ser colocado o retrato de Garibaldi, pintado pelo hábil artista Sr. Trebbi, visto como tendo o edifício destinado a Escola Elyseu Maciel sido oferecido ao governo geral, ficava prejudicado a dádiva que fizera a colônia italiana Foi encarregado de redigir o oficio a municipalidade o Sr Malam, agente consular italiano nesta cidade. (*Correio Mercantil*, 16/03/1886)

Conforme veremos mais adiante, o quadro de Garibaldi ficará na Escola Elyseu Maciel. Já a diretoria para o ano de 1887, conforme o jornal *Correio Mercanti*:

Presidente: Francisco Fusaro; Vice: Giuseppe Petrucci; 1º Secretário: Agostino Cariello; 2º Secretário: Tomaso Aquini; Tesoureiro Salvatore Sicca; Diretores: Affonso Gallo, Nicolau Monone, Vicenzodi Benedetti, Antônio Padoni, Francisco d’Alersio, Pietro Garbaccio, Pelegrino Fiori, Antônio Caputti, Geraldo Petrucci, Alberto Vignolo, Anselmo Puccinelli e Egidio Cilenti. (*Correio Mercantil*, 09/01/1887)

O prédio da *Sociedade Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas* foi inaugurado no dia 07 de outubro de 1887. Neste mesmo dia o jornal *Diário de Pelotas* publicou o convite feito pela referida sociedade para a inauguração:

Aproveitando a passagem do Ilmo Barão Francesco Brin, digno Cônsul italiano, nesta província, a sociedade inaugurará o seu edifício no dia 7 corrente às 6 horas da tarde. Convido portanto todos os sócios, a colônia italiana, as autoridades locais e sociedades beneficentes constituídas para assistir o ato festivo. Agostino Cariello – secretário (*Diário de Pelotas*, 07/07/1887).

No dia posterior, o mesmo jornal publicou uma nota sobre como ocorreu a solenidade de inauguração do edifício da *Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas*. É importante lembrar que, como dito anteriormente, a pedra fundamental da obra havia sido lançada no ano de 1877:

Ontem às 6 horas da tarde foi inaugurado o elegante edifício à Rua 16 de Julho, pertencente à sociedade italiana Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas. O salão principal achava-se vistosamente ornamentado, destacando-se nele o retrato de Garibaldi, que por algum tempo esteve na Escola Elizeu Maciel. Uma Banda de música tocava alternadamente a porta do edifício. O presidente da associação abrindo a sessão, declarou que o Cônsul Brin não pode se fazer presente. Então, o Sr. Augusto Carielo secretário, leu um bonito discurso do Sr. Barão que congratulava a colônia italiana e desejava mil prosperidades ao pio estabelecimento que se acabara de inaugurar. Os presentes na sessão foram convidados a tomarem uma taça de champagne acompanhada de finos doces. Por essa ocasião foram trocados alguns brindes amistosos. E assim concluiu-se essa festa que veio instituir mais um elemento de progresso nesta cidade. Aos iniciadores e à colônia nossos parabéns por verem seus esforços coroados do melhor êxito. (*Diário de Pelotas*, 08/07/1887)

Nas comemorações tradicionais do 20 de setembro, a sociedade italiana anunciou que funcionaria uma escola no interior do edifício. Conforme nota publicada pelo jornal *Echo do Sul* (21/09/1887): “foi inaugurado no edifício da sociedade italiana a escola gratuita para o ensino dos filhos dos súditos italianos em Pelotas”. Sobre o funcionamento da escola junto à sociedade, Anjos (1995, p. 51) afirma que a direção era composta pelos “professores José Marcchiaro, José Sgrillo, Luigi Garbini e Antônio Lorenzini”.

Como visto no capítulo anterior, entre os anos de 1889 a 1891, Enrico Acton exerceu o cargo de vice-cônsul na cidade. Além desta função, Enrico foi presidente da sociedade italiana durante o ano de 1890. Conforme o jornal *Correio Mercantil*:

Presidente: Enrico Acton; Vice Alberto Vignolo; 1º Secretário: Giuseppe Sgrillo; 2º Secretário Nicola Caputto; Tesoureiro Salvatore Sicca; Orador: Antônio Lorenzini; Diretores Antônio Riso, Luigi Blois; Pietro Marchese; Michele Petrucci; Giuseppe Tullio ; Giovanni Gigante; Tomaso Aquino; Giuseppe Petrucci; Antônio Rubbo; Giuseppe Sicca; Luigi Contarino; Michele Giovanni. (*Correio Mercantil*, 06/01/1890)

Durante a década de 1890, em Pelotas, surgiram duas novas sociedades italianas, simultaneamente à atuação da *Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas*. Primeiramente a *20 de Setembro* (1891); e posteriormente a *Sociedade de Socorros Mútuos Cristoforo Colombo* (1892).

Em 19 de outubro de 1891, Pelotas viu surgir uma nova sociedade italiana, denominada *Sociedade 20 de Setembro*. Segundo Anjos (2000, p. 134) esta sociedade “revelou-se um braço festivo da sociedade reunidas” e possuía como objetivo principal “festejar todos os anos a gloriosa data da unificação da Itália”. Luigi Garbini foi um dos membros fundadores. Conforme o jornal *Correio Mercantil*:

Presidente: Luigi Garbini; Vice: Tomaso Aquino; Secretário Geraldo Petrucci; Vice: Vincenzo Lamanna e Tesoureiro: Giuseppe Petrucci. Conselheiro: Domenico Stanisci, Pelligrini Fiori, Giovanni Rivoir, Marcellino Barbieri, Giuseppe Petrucci, Giuseppe Gagliardi, Pietro Clechetti, Antonio Petrucci, Arsenio Ippolito, Antônio Farinelli, Salvatore Freda e Francisco Antonacci. (*Correio Mercantil*, 15/11/1892)

A programação dos festejos do 20 de setembro de 1892, foi iniciada com um baile no dia 19 de setembro. Para o dia 20 a programação contava com as seguintes atividades, conforme o jornal *Correio Mercantil*:

O programa que será executado hoje é o seguinte: Ao romper do dia, salva de 21 tiros à bandeira italiana em frente ao edifício das sociedades reunidas, e em seguida saudação pela Banda Bellini ao Sr. Vice-Cônsul da Itália. Às 11 ½ horas da manhã, recebimento e batismo do estandarte da sociedade musical referida, cujos membros se apresentarão trajando uniforme dos oficiais italianos. Às 6 horas da tarde, sessão solene comemorativa no edifício das sociedades reunidas, onde se organizará a coluna patriótica que sairá às 7 horas, em ‘marche aux flambeaux’, com a banda musical à frente percorrendo as principais ruas da cidade. As festas concluirão com um banquete servido, às 9 horas da noite, no hotel Aliança, e para qual foi convidado a imprensa. (*Correio Mercantil*, 20/09/1892)

Em outubro de 1892, surgiu a *Sociedade de Socorros Mútuos Cristoforo Colombo*. Segundo Anjos (2000, p. 134), a sociedade foi oficializada “em 16 de outubro de 1892”. Conforme o jornal *Correio Mercantil* a diretoria era composta por:

Presidente: Frederico Guilherme Marcucci; Vice: Alberto Vignoli, Secretário. Giovanni Bataglia, Tesoureiro. Antônio Scotto; Orador: Carlos Cantaluppi; Conselheiros: Emílio Giudicce, Rodolfo Astolfi, Francisco Granderi, Giovanni Cervi, Laurino Cataldo e Domenico Mincolato (*Correio Mercantil*, 20/10/1892)

No entanto, como aconteceu com o *Circolo Garibaldi*, a *Cristoforo Colombo* acabou se fundindo com a *Sociedade Unione e Philantopia e Circolo Garibaldi Reunidas*. Segundo Anjos (1995, p. 56) a fusão das duas sociedades ocorreu no dia 6 de janeiro de 1899. Anjos (2000, p. 135) classificou tal união como sendo “frágil, a união destas duas sociedades, durando apenas oito meses”. Durante este período a sociedade italiana teve como nome *Unione e Benevolenza*.

Através de consulta feita nos acervos da ACIP, no *Livro de Sócios da Sociedade Italiana Reunida (1934)*²⁶, durante os anos de 1903 a 1923, a *Sociedade Unione e Philantopia e Circolo Garibaldi Reunidas* admitiu apenas dezesseis sócios. A tabela (VIII) abaixo, mostra em ordem alfabética a entrada dos novos sócios:

Tabela VIII: Listas de Sócios (1905-1923)

Nome do Sócio	Data
Achile Bertoldi	15/01/1920
Antonio Brandi	23/01/1912
Carlo Sicca	1905
Ernesto Ronna	03/02/1919
Eduardo Sicca	01/02/1911
Felice Jorio	01/05/1914
Filippo Lopresto	23/01/1908
Domenico Caruccio	24/06/1902
Lucano Conedera	01/01/1918
Luigi Povolori	01/07/1923
Primo Povolori	14/02/1923
(?) Sicca	1905

(Livro de Sócios ACIP, 1934)

Durante o primeiro quartel do Século XX, como apresentamos anteriormente, a *Unione e Philantopia e Circolo Garibaldi Reunidas* foi a representação máxima da comunidade italiana.

²⁶ Dos cinquenta e cinco sócios que constam no livro, preferimos somente utilizar os sócios que entraram no período compreendido entre os anos de 1905 a 1923. Restando trinta e nove sócios que entraram posteriormente.

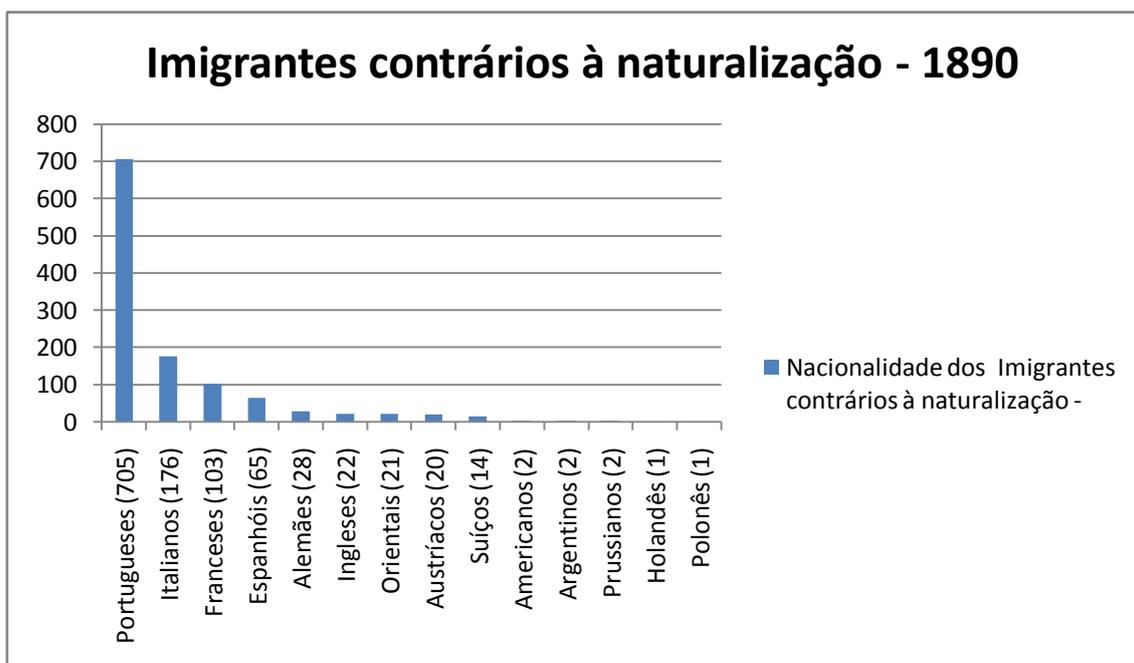
3.2 A Naturalização em Massa Durante a República

Com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, houve um processo forçado de naturalização dos imigrantes. Tal processo estava embasado na Constituição Federal.

O Artigo 69 da Constituição de 1891 elencava quem era considerado cidadão brasileiro. O Parágrafo 4º determinava que “os estrangeiros, que, achando-se no Brasil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro em seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o ânimo de conservar a nacionalidade de origem” seriam considerados brasileiros. Desta forma, os imigrantes que não gostariam de serem naturalizados, deveriam apresentar-se nas intendências, recusando a cidadania brasileira.

Em Pelotas, conforme o gráfico abaixo (I), 1161 estrangeiros procuraram a intendência e declararam-se contrários ao processo de naturalização do Governo Federal.

Gráfico I: Imigrantes contrários à naturalização - 1890



(Fonte: CDOV/BPP-BIC0101)

Não foi possível identificar se houve uma campanha da *Sociedade Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas* para que os italianos fossem contrários à naturalização. No entanto, através da tabela (IX)²⁷ listamos a data do comparecimento e o nome do requerente:

Tabela IX: Italianos contrários ao processo de Naturalização (1890)

Data	Nome
10/03/1890	Giuseppe Mucci; Angiolino Galli
13/03/1890	João Barone
17/03/1890	Rocco Pizza; Frederico Russomanno; Affonso Conforti; Donato Russomanno; Pietro Ponzo
12/04/1890	Jean DanielRivoire
17/04/1890	Cesar Turri; Giovanni Miotto
18/04/1890	José Lettiere
19/04/1890	Eugenio Basso; Gioachino Basso
25/04/1890	Lourenço Guiari; Ermete Demunari
26/04/1890	Victor Betin; Felix Betin
28/04/1890	Giovanni Martini; José Francisco Capena; (?)Massimino; Giovani Pullini; Giuseppe (?)
30/04/1890	Cesario Victória; João Batista Caperna
05/05/1890	Miguel Palmero; Francisco Sigiliano; Nicolao Mattei; Luigi Pavan; Fabrizio Pavan; Giuseppe Dal Grando; Iziniu Castaman; Angelo Dal Grando; Santiago Rivoire; Silverio Francisco Tamarello; Serafini Palermo; Mercuri Dalia; José Siciliano; Antonio Seaglioni; Giuseppe Carelli
06/05/1890	Francisco Cacco; Domenico Pastorello; Armogine Gorpelli; Antônio Cicero; Albino Tesari; Arcadio Gorpelli; Giovanni Rosso; Vincenzo Leone; Salvador Leone; Domenico Dal Grande; Antonio Melocchi; Giuseppe Varallo;
07/05/1890	Paolino Talamini; Angelo Metriner; Angelo Beatrigini; Giuseppe Giacomini; Antônio Corado; Giugliano Tomase; Giovanni Scaglioni; Marco Bergamini; Luigi Scaglioni
08/05/1890	Antonio Menegazzi; Frankilin Foucholy; Giacomo Baldessari; Giosue Begher; Michele Bort; Alessandro Brunaro; Fernando Vighi; Carlo Scaglioni; CezareVighi; José Maria Pelegrino; Salvador Plastina; Antônio Palmeiro Gaspar
09/05/1890	Antônio Ferrari; Ricardo Volconi
10/05/1890	Luigi (?); Natale Marcolin; Matteo Antonello; Antonio Antonello; Constante Antonello; Angelo (?); Antônio (?); Guilermo Perin; Pietro Loi; Angelo Loi; (?) Loi; Palmeiro Loi; Pietro Formentini; Sebastiano Formentini; Giuseppe Bassi; Silvio (?); Paolo Giatto; Narciso Rossi; Afonso (?)

²⁷ Foram transcritos os nomes completos dos italianos contrários à naturalização. Desta forma, quando aparecer (?), significa que a identificação do sobrenome ou do nome não foi possível; por outro lado quando aparecer (?) (?) o nome completo estava ilegível.

12/05/1890	Luigi (?); Pietro Garbaccio; Pasquale Antonio Ciociola; Lurino (?); Francisco Bessano; Miguel Lorenzo; Rafael Bornera; Angelo Chianello; Pedro Philippi; Salvador Plastini; Francisco Plastini; André Attrati; Jacomo Pegoraro; Angelo Camelatto; Angelo (?); Luigi Menegatto; Giuseppe Veratti; Honorio Gateoto; Luiz Pente; Angelo Pegoraro; Giuseppe Giorno; Antonio Nino Pietro; (?) (?)
14/05/1890	Domenico Gasperin; Antonio Meggiotto; Pietro Casarin; Luigi Casarin; Daniel Forgiano; Domenico Forgiano; Luigi Angelin; Giuseppe Bofino; Miguel Leone; Gaetano Leone; Drancisco Passio; Salvador Leone; Inocente Voltan
15/05/1890	Angelo Cagliari; Carlo Stavoli; Vicente Sorentino; Frederico Alberto Trebbi; Carlo Parode
16/05/1890	Antônio Pegoraro; Amaro Scarabello; Giuseppe Zanatto; Giuseppe Bonano
19/05/1890	(?)(?)
20/05/1890	Miguel Petrolini; Leopoldo Avancini; Giuseppe Avancini
24/05/1890	Geronymo Biasi; Giuseppe Biasi
26/05/1890	Batista Molinari; Emilio Molinari;
27/05/1890	Domingos Schiavon; Jacomo Vanin; Modesto Schiavon; Joan D'oro; Luigi Zanetti; Alessandro Berto; LugiZafalon; Lugi Pavanetto; Giacobino Aldrighi; Giuseppe Aldrighi; Cezare Schiavon
28/05/1890	Caetano Gotuzzo; Giuseppe Gullo; Guilherme Pizarro
31/05/1890	Santiago (?); Atilio Carrotti; Albino Biangini
02/06/1890	(?)(?); Dermine Valentino; Eugenio Marcello; Florindo Carmiato; Angelo Scaramuzza; Cezari Scaramuzza
06/06/1890	Giacinto Lorenzon; Giacomo Antonello; Lorenço (?)
12/06/1890	(?) (?)
30/12/1890	(?) (/)

(Fonte: *Livro de Não Naturalização* – CDOV/BPP BIC0101)

Sobre os nomes encontrados na tabela acima, temos duas considerações a fazer. A primeira reside no fato de que ao cruzar os nomes da tabela acima com os dados das tabelas I e II, provenientes do *Livro Tombo da Paróquia de Sant'Ana*, encontramos dezoito moradores da Colônia Maciel, que se organizaram para a vinda a Pelotas, em grupos. A segunda consiste nos nomes pertencentes aos quadros de sócios das diversas sociedades italianas, dos quais só encontramos três; sendo eles: Pietro Garbaccio, Frederico Trebbi e Gaetano Gotuzzo, que foram membros de diretorias. Não

encontramos, entre os requerentes, os nomes dos demais membros da referida sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou contribuir com a historiografia da cidade de Pelotas, bem como com a historiografia dedicada ao estudo da presença italiana, em áreas urbanas, no Rio Grande do Sul.

O enfoque deste trabalho centrou-se na experiência do associativismo cultural italiano em Pelotas. Identificando assim, as diversas organizações que foram criadas na cidade, seus membros e a forma pela qual tais entidades contribuíram para a formação de uma italianidade entre os seus quadros de sócios.

O Rio Grande do Sul recebeu um número significativo de imigrantes europeus durante o período colonial, imperial e republicano. Dentre estes, o elemento italiano se fez presente, não só através de uma política de ocupação territorial, através da colonização tutelada, iniciada no último quartel do século XIX, mas também anteriormente a este período, em áreas urbanas, principalmente em cidades da região fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina.

Sobre a imigração promovida pelo Império e pela República, de imigrantes europeus, perceberam-se duas funções distintas. A primeira visava à ocupação territorial e à produção dos gêneros alimentícios. A segunda, por sua vez, fazia parte de uma política de branqueamento nacional; tal política excluiu o acesso de nacionais (negros e indígenas) a terra. Isso teve início após a promulgação da *Lei de Terras*.

Paralelamente às políticas de ocupação territorial, o Brasil recém se tornava uma nação. Desta forma, ao mesmo tempo em que os imigrantes europeus se radicavam em solo brasileiro; tanto o Império quanto a República tentavam estabelecer uma identidade nacional. No entanto, ambos não conseguiram atingir plenamente seus objetivos, ao passo que somente durante o Estado Novo se concluiu tal projeto.

Dessa forma, vimos que, entre os imigrantes provenientes da península itálica, não havia ainda um pertencimento à identidade italiana, devido ao fato da tardia Unificação Italiana (1870). Sendo assim, estes imigrantes possuíam uma maior identificação com a cidade ou a região da qual eram provenientes. No entanto, quando chegaram ao solo brasileiro, foram vistos como unicamente italianos, gerando uma precoce italianidade entre eles.

Desta maneira, a italianidade é formada em dois momentos. Primeiramente a partir das diferenças culturais como uma oposição aos outros grupos étnicos que aqui se encontravam; por último com uma assimilação de costumes locais da nova pátria. Sendo assim, acreditamos que existiram diversas italianidades.

Constatou-se no período analisado que o governo italiano, através de seus cônsules e sociedades desempenhou um papel na formação de uma italianidade oficial que era diferente daquela que os italianos haviam se apropriado. Além do mais, o governo via as comunidades italianas no exterior, como suas colônias de povoamento.

A própria cidade de Pelotas, segundo o relatório consular elaborado pelo vice-cônsul italiano Enrico Acton, foi descrita como possuidora de uma colônia significativa, tanto na área urbana quanto na área rural. Além de descrever que os italianos radicados em Pelotas, possuíam um nobre sentimento patriótico.

Observou-se uma diferença significativa entre as informações encontradas no relatório de Enrico Acton, nos registros de Vittorio Buccelli e no Álbum do Cinquentenário. Estas diferenças residem, justamente, na finalidade que cada registro procurava retratar.

Enquanto Acton descreveu a cidade de Pelotas com um olhar de desprezo, no final do Século XIX, o viajante Vittorio Buccelli enaltece as qualidades que a cidade possuía no início do Século XX, justamente por se tratar de uma obra de divulgação, patrocinada pelo governo estadual, para que novos imigrantes se radicassem no Rio Grande do Sul. Já o Álbum do Cinquentenário, por se tratar de uma publicação apoiada pelo governo de

Mussolini, mostrou a importância que a comunidade italiana tinha nos campos social, econômico e cultural para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

No entanto, não podemos deixar de ressaltar que os registros possibilitaram compreender as diversas contribuições feitas pela comunidade italiana à cidade entre 1870 e 1925. Percebemos desta maneira, que os indivíduos italianos se fizeram presentes no cotidiano da cidade, contribuindo para a formação de uma Pelotas “cosmopolita”.

Evidenciou-se tal presença, a partir da revisão bibliográfica apresentada. No ramo da hoteleira se destacaram os italianos *Santiago Pratti, Caetano Gotuzzo, Pedro Luiz Gotuzzo, Emilio Tonetti e Francisco Gigante*. No campo da arquitetura tais como, *José Isella, Guilherme Marcucci Davi e Carlos Zanotta, Caetano Casaretto e Sebastião Obino*; enquanto nas artes plásticas *Frederico Trebbi e Giovanni Falconi*. Já no meio musical, nomes como, *Roberto Stella, Rufino Biadola, Edoardo Finardi, Salvatore Riso, Eduardo Cavalcanti e Luigi Garbini*

Através do estudo das trajetórias das diversas sociedades italianas que existiram durante o período analisado, foi possível identificar vários outros indivíduos que contribuíram para a formação de uma “italianidade”. Estes mesmos indivíduos, por vezes, possuíam fortes laços com a sociedade local, visto que várias autoridades pelotenses foram agraciadas com o título de sócios beneméritos.

Além do mais, percebeu-se que estas diversas sociedades foram palcos de disputas pelo poder e pelo reconhecimento como uma instituição de representação máxima entre os italianos. Como exemplo disso, verificamos a disputa ocorrida entre os membros da *Unione e Philantropia*, no ano de 1875, resultando na cisão entre os membros.

No entanto, nem sempre o surgimento de uma nova sociedade era resultado de disputas internas, exemplo disso foram as duas fusões que resultaram no surgimento da *Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas*, em 1885 e posteriormente, na *Unione e Benevolenza*, em 1899.

Observou-se também que algumas sociedades italianas tiveram uma trajetória efêmera como, por exemplo, a *20 de setembro* e a *Sociedade de Mútuos Socorros Cristoforo Colombo*. De tal maneira que pode se concluir que a *Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas* foi a principal sociedade italiana na cidade de Pelotas durante o período analisado.

Uma das principais atividades das sociedades italianas era manter o vínculo dos imigrantes com a pátria-mãe. Para isso se organizavam manifestações culturais para festejar o dia da Unificação da Itália, o 20 de setembro, que eram amplamente noticiadas pela imprensa local.

Além do mais, percebeu-se que quando as sociedades publicavam as convocações para assembleias e reuniões, em jornais locais estas eram sempre em língua italiana. Ou seja, direcionadas apenas aos membros da comunidade. Por isso pode-se identificar que tais entidades associativistas cumpriram um papel de promotoras do sentimento de italianidade entre os habitantes de Pelotas, conforme o desejo das autoridades italianas.

Dessa forma, o presente estudo não encerra o assunto da identidade italiana em Pelotas, pois ele se centra na política de italianidade oficial. A formação de identidades sobrepostas com a cultura local não foi o objeto principal deste trabalho, uma vez que ele utilizou como fontes as associações, escolas e jornais que patrocinavam uma identidade ligada ao estado italiano.

FONTES

-Centro de Documentação de Obras Valiosas – Biblioteca Pública de Pelotas:

- Jornal O Comércio, Pelotas
- Jornal Correio Mercantil, Pelotas
- Jornal Diário de Pelotas, Pelotas
- Jornal Echo do Sul, Rio Grande
- Livro de Não Naturalização , Pelotas, 1889

Museu Etnográfico da Colônia Maciel

- Livro Tombo da Paróquia Sant' Ana

Associação Cultural Italiana Pelotense

- Livro de Sócios da Sociedade Italiana Reunida, 1930

Fontes Impressas

ACTON, Enrico. La citta di Pelotas. **Bollettino dês Ministero degli Affari esteri**. Roma: Tipografia delle Mantellate, 1890, p. 157-166.

BUCCELLI, Vittorio. **Um viaggio a Rio Grande delSud**. Milão: L.F Pallestrini, 1906

CENTENARIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL 1875-1975. Porto Alegre: Editora Edel, 1975, p. 322-324.

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD: 1875-1925. Porto Alegre: Globo; ROMA: Ministero degli Affari esteri, 1925.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Receitas Regionais: a noção de região como um ingrediente da historiografia brasileira ou o regionalismo como modo de preparo historiográfico.** Acessado em 20/10/14: [HTTP://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/durval.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/durval.pdf)

ANJOS, Marcos Hallal dos. **O italiano na zona urbana de Pelotas na segunda metade do século XIX.** Pelotas, 1995.

_____. **Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX.** Pelotas: Ed.Universitária, 2000.

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: A Nação – Instituto Estadual do Livro, 1975.

BATISTEL, Arlindo Itacir. **Colônia italiana: religião e costumes.** Porto Alegre: EST, 1981.

CAETANO, Rosendo da Rosa. **O nazi-facismo nas páginas do Diário Popular: Pelotas 1923-1939.** Pelotas: UFPel, 2014 (Dissertação de Mestrado em História da UFPel)

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. “Olhar italiano: Vittorio Buccelli e a sua descrição de Porto Alegre”. (org.) **Relatos de viagens como fontes à História.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012: 101-110.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense.** Porto Alegre: EST, 1991

_____. (org.) **Relatos de viagens como fontes à História.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

COSTA, Rovílio *et all.* **Antropologia visual da imigração italiana.** Porto Alegre: EST/UCS, 1976.

FIORIN, José Luiz. "A construção da identidade nacional brasileira". **Bakhtiniana.** São Paulo, v. 1, n. 1, I sem. 2009, 115-126.

GEHRKE, Cristiano. **Imigrantes italianos e seus descendentes na zona rural de Pelotas/RS: representações do cotidiano nas fotografias e depoimentos orais do Museu Etnográfico da Colônia Maciel.** Pelotas: UFPel, 2013 (Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel)

GIRON, LoraineSlomp. **As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense.** Pelotas: Ed. da UFPel, 2001.

IOTTI, Luiza Horn. (org) **Imigração e Colonização: legislação de 1747 a 1915.** Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

_____. **Imigração e Poder: a palavra oficial sobre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul:EDUCS,2010.

_____. **O olhar do poder: a imigração italiana no rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares.** 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930).** Pelotas: Editora Universitária: Unitrabalho, 2001.

LUCA, Tania Regina. "As sociedades de socorros mútuos italianas em São Paulo". In: DE BONI, Luís Alberto (org.) **A presença italiana no Brasil**.vol.II. Porto Alegre: EST, 1996: 383-400.

MAESTRI, Mario. "Pampa Negro: Quilombos no Rio Grande do Sul". In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: EdUFPel/Livaria Mundial, 1993.

MÜLLER, Dalila. **A hotelaria em Pelotas e a sua relação com o desenvolvimento da região: 1843 a 1928**. Caxias do Sul: UCS, 2004 (Dissertação de Mestrado em Turismo UCS)

NEIS, Fabiano. **A cultura material e a história oral das descendentes de imigrantes italianos no Museu Etnográfico da Colônia Maciel – Pelotas/RS: chegada, trabalho e casa**. Pelotas: UFPel, 2014. (Trabalho de Conclusão do Curso de História-UFPel)

OTTO, Claricia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006.

PANIS, Marcelo. **O turismo na perspectiva da multifuncionalidade do espaço rural:o caso do Distrito de Rincão da Cruz – Pelotas/RS**. Pelotas: UFPel, 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia – UFPel)

PEIXOTO, Luciana da Silva. **Memória da imigração italiana em Pelotas/RS. Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas**. Pelotas: UFPel, 2003. (Trabalho de Conclusão do Curso de História-UFPel)

PIMENTA, João Paulo G. “Portugueses, americanos, brasileiros: identidades políticas na crise do Antigo Regime luso-brasileiro”. **Almanack Brasiliense**. São Paulo, n. 3, 2006: 71-80.

POMATTI, Angela Beatriz. **Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticas de cura (1890 a 1930)**. Porto Alegre: PUCRS, 2011 (Dissertação de Mestrado em História da PUCRS)

POSSAMAI, Paulo César. “**Dall’Italia siamo partiti**”: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

RUBERT, Arlindo. **Clero secular italiano no Rio Grande do Sul (1815-1930)**. Santa Maria: Editora Pallotti, 1977.

RÜCKERT, Fabiano Quadros. “A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada”. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. v. 5 nº 10, dezembro, 2013: 203-225.

SANTOS, Andréia Albuquerque dos. **A Sociedade Italiana Pelotense**. Pelotas: UFPel, 2002. (Trabalho de Conclusão do Curso de História da UFPel).

SANTOS, Carlos Alberto Ávila Santos. “Construtores e Artífices Italianos no ecletismo do sul do Rio Grande do Sul (1870-1931)”. In: _____ (org.) **Ecletismo em Pelotas (1870-1931)**. Pelotas: Editora Universitária, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

SEYFERTH, Giralda. **Colonização, imigração e a questão racial no Brasil**. Revista USP, São Paulo, n.53, março/maio 2002: 117-149.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, Instituto Italiano de cultura di San Paolo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.

VENDRAME, Maíra Inês. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Porto Alegre: PUCRS, 2007 (Dissertação de Mestrado em História da PUCRS)

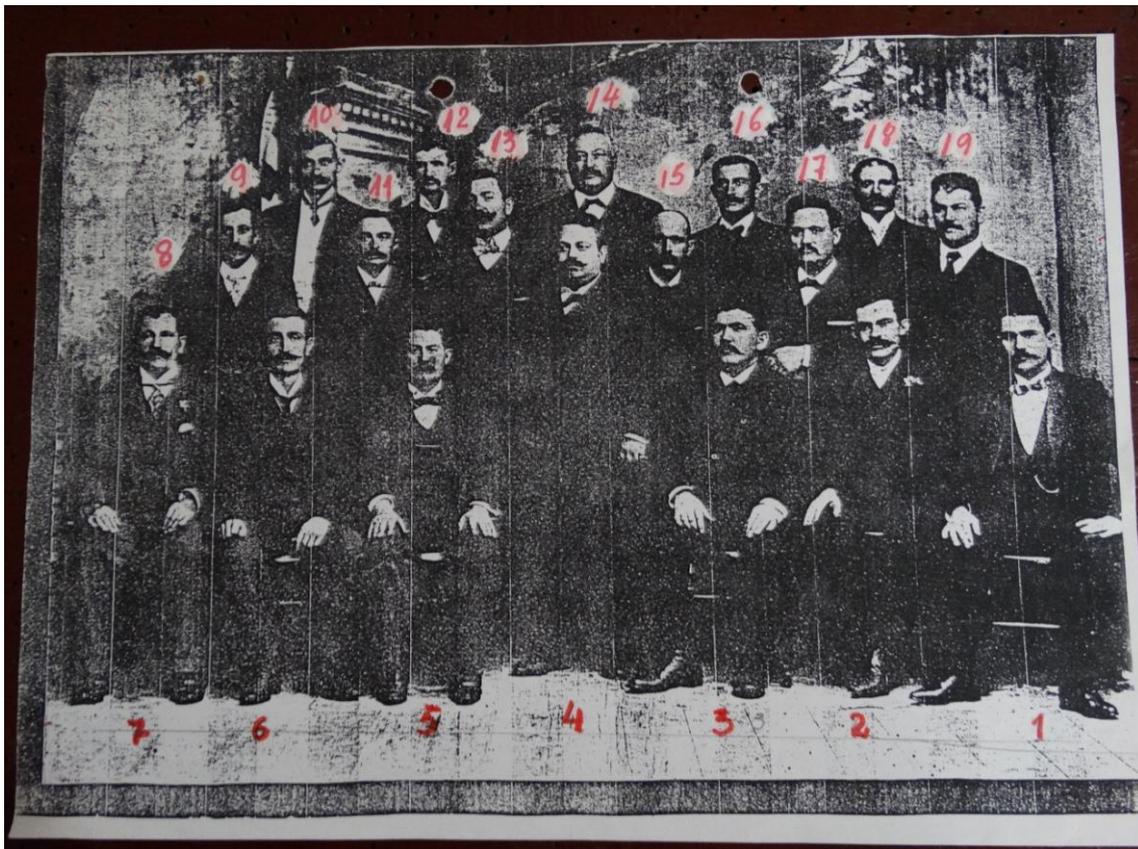
ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.

ANEXO I



Fotografia da Fachada da sede da *Unione e Philantropia*, utilizada na publicação do *Álbum do Cinquantenario della Colonizzazione italiana nel rio Grande del Sud*.
Fonte: Associação Cultural Italiana Pelotense

ANEXO II



Reprodução de Fotografia do Grupo de sócios da *Unione e Philantropia* (sem identificação).

Fonte: Associação Cultural Italiana Pelotense.